

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**



1290004659



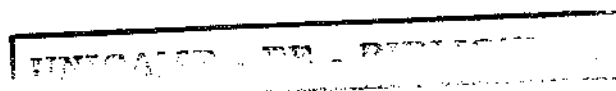
FE

TCC/UNICAMP C253a

**ARTE NA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DO PEDAGOGO**

**CAMPINAS**

**2009**



**Universidade Estadual de Campinas**  
**Faculdade de Educação**

Paula Francisco Ourique de Carvalho

RA: 063539

**ARTE NA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DO PEDAGOGO**

Trabalho de Conclusão de Curso,  
apresentado como exigência parcial para a  
conclusão do curso de graduação em  
Pedagogia da Faculdade de Educação da  
UNICAMP, sob orientação da Profa. Dra.  
Márcia Maria Strazzacappa Hernández.

**CAMPINAS**

**2009**

**UNICAMP - FE - BIBLIOTECA**

UNIDADE: FE  
Nº CHAMADA  
TCC UNICAMP  
C253a  
V: ..... EX: .....  
Tombo: 4659  
PROC.: 134/10  
C: ..... D: X  
PREÇO: 11,00  
DATA: 09/04/10  
CÓD TÍTULO: 474712

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

C253a Carvalho, Paula Francisco Ourique de  
Arte na formação e atuação do pedagogo / Paula Francisco Ourique de. --  
Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Márcia Maria Strazzacappa Hernandez.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -- Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Formação de professores. 2. Educação. 4. Arte. I. Strazzacappa  
Hernandez, Márcia Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade  
de Educação. III. Título.

10-014-BFE

Campinas, dezembro de 2009

---

**Profª Dra. Márcia Maria Strazzacappa Hernández**

---

**Profª Dra. Ana Angélica Medeiros Albano**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos meus pais: pelo  
incentivo constante, pelos valores ensinados, pela  
força, companheirismo e amor.

## **Agradecimentos**

Agradeço a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para a realização deste trabalho, em especial:

À Profa. Dra. Márcia Strazzacappa por acreditar no trabalho, orientar, contribuir de forma grandiosa na minha formação e pelo carinho.

À Profa. Dra. Ana Angélica Albano pela atenção e contribuição nesse trabalho.

À minha maior riqueza: Alaor, Vera e Pedro, sem eles nada disso teria sido possível...

Ao Camilo por acreditar e incentivar sempre.

Às minhas amigas queridas que fizeram parte de todo o processo ao longo desses quatro anos e estiveram sempre na torcida. Pri, Pá, Jú, Thá e Ana: obrigada!

À escola Alecrim pela base sólida e fundamental que iniciou meu aprendizado e possibilitou a experiência de que é possível encontrar a arte na educação.

À Cristina Decico e Livia Pinheiro que contribuíram muito para a realização dessa pesquisa em me conceder as entrevistas de uma forma deliciosa.

À Deus pela sua força imensurável.

## **Resumo**

Nesse trabalho se discute a relação entre a arte, a docência e a educação. Tendo em vista que a arte é uma manifestação da humanidade e está presente na vida dos indivíduos independente de terem ou não acesso a todos os meios de representações artísticas. Por meio da memória, discussão bibliográfica e entrevistas investigo e busco responder as seguintes questões: como se deu a formação de arte em pedagogos? Como a arte é vista na escola e qual a sua contribuição na formação dos indivíduos? Sendo o professor capaz e responsável por mediar o acesso à arte em qualquer nível social e econômico, é preciso analisar por que a arte é restrita às aulas de Educação Artísticas e estas aulas restritas à linguagem das artes plásticas.

Parte-se do princípio de que a escola é o espaço de sistematizar os conhecimentos produzidos na sociedade, logo, pode ser o lugar no qual o ensino da arte aconteça, de forma democratizante e preocupada em dar espaço para a criatividade e a auto-expressão por parte dos alunos.

**Palavras-chave:** formação, professor, educação, arte.

## Sumário

|                                                  |        |
|--------------------------------------------------|--------|
| 1. Introdução.....                               | 01     |
| 2. Capítulo I                                    |        |
| Da memória à formação docente.....               | 03     |
| 3. Capítulo II                                   |        |
| A. Abordagem metodológica.....                   | 16     |
| B. A arte na escola.....                         | 19     |
| 4. Capítulo III                                  |        |
| Importância e diferença da arte na formação..... | 26     |
| 5. Considerações Finais.....                     | 33     |
| <br>Referências Bibliográficas.....              | <br>36 |
| Bibliografia.....                                | 38     |
| Anexo I                                          |        |
| Entrevista n1.....                               | 40     |
| Anexo II                                         |        |
| Entrevista n2.....                               | 55     |

## Introdução

A arte acompanha o ser humano desde o tempo nas cavernas, quando este começa a desenhar nas paredes. Desenhos que muitas vezes são os únicos vestígios de uma civilização. Se a arte acompanha a vida e a evolução do ser humano há tanto tempo, por que é tão difícil pensar em arte dentro da escola?

Pois, independente da arte existir como uma disciplina curricular ela está presente em nossas vidas, como área de conhecimento, como linguagem, como produção cultural, como forma de expressão. A arte é desenvolvida e produzida nas práticas sociais, assim como a fala, os valores, os costumes de uma sociedade. Desta forma, ela também é transmitida pela mediação do outro, e se a escola tornou-se o principal ambiente de mediação para o aprendizado, ela deveria estar presente nas suas diferentes formas. Afinal, não se trata apenas de criar e reproduzir os símbolos sociais da arte, mas também saber apreciá-los.

Quando se pensa em arte, a presença da imagem é muito forte, no entanto, a arte é muito maior, pois envolve outras linguagens como a música, a dança, o teatro, a poesia, assim como as artes visuais não são compostas apenas pela pintura, mas pela fotografia, pelo cinema, pelo vídeo, entre outros. E justamente pela experiência que vivi como aluna, como estudante de Pedagogia e como estagiária<sup>1</sup>, constatei que a arte foi pouco explorada e que se limitou às artes visuais, por quê? Não seriam as outras linguagens artísticas também responsáveis pela formação do indivíduo? Sem contar que a própria arte visual se limita: aos desenhos geométricos, ao desenho de observação, ilustrações para colorir, decorações e presentes para as datas comemorativas, etc.

---

<sup>1</sup> Estágio na escola Centro de Educação Municipal de Salto Profª Lazara Maria Lara Begossi, no primeiro ano do ensino fundamental, durante o ano de 2008.

No presente trabalho, por meio da memória, narro os momentos tocados pela arte que me trouxeram até aqui, dialogando com textos teóricos e entrevistas. Segundo a pedagoga Cristina Decico, "O professor, como mediador, precisa entender que criança ele foi, que visão de criança existe dentro de si e que tipo de criança ele gostaria de formar." (2006, p.12) Pensando nesse professor formador, como se deu a formação desse pedagogo em relação à arte?

Como metodologia, escolhi a história oral, acreditando que os documentos podem existir ou serem produzidos pelo próprio pesquisador (documento de ordem primária) e, assim, registrei a experiência de duas pedagogas formadas pela UNICAMP que, de alguma forma, foram tocadas pela arte e a utilizam em seus trabalhos profissionais. As falas dessas pedagogas foram registradas por meio de entrevistas. Junta-se a estas vozes, a minha própria, oriunda de minha experiência como aluna do curso de Pedagogia, buscando responder à questão de como se deu a minha formação de arte.

É possível ensinar arte? O professor deve ser capaz de mediar seus alunos a formarem suas próprias perguntas em relação a uma obra, independente de qual for. Segundo DUARTE JR o indivíduo criador é justamente aquele que dirige sua atenção aos seus sentimentos, para depois expressá-los por meio de símbolos e de novas relações simbólicas. (1988, p.97) Para isso o professor deve se fazer presente diante das diferentes representações artísticas, para que ele possa ser uma das referências na trajetória de seus alunos.

## **CAPÍTULO I**

### **Da memória à formação docente**

A produção em arte alcançou um lugar que poucos têm acesso. A escola pode democratizar esse acesso e permitir que todos usufruam dessas produções. Não só abre a oportunidade para talentos serem descobertos e incentivados, como se pode “criar” um público admirador das produções. Para que sua grande diversidade e ao mesmo tempo sua individualidade seja disseminada.

A educação escolar exerce um papel importante no ensino da arte, pelo menos deveria exercer, pois se o acesso à cultura fosse democratizado, permitiria que a população menos favorecida economicamente desfrutasse dos diferentes símbolos da arte, que acabam se tornando um dos privilégios da elite e a escola é um espaço que pode apropriar-se do papel de difundir as produções artísticas.

Para Ferreira, “não temos a menor dúvida de que, ainda hoje, somente têm acesso às produções artísticas eruditas alguns privilegiados. Porém, ficar insistindo nessa afirmação é reforçar a posição de domínio de uma determinada classe social, também no campo da arte.” (1999, p.23) A arte está presente na sociedade, independente dela estar inserida como disciplina curricular, e sendo uma área do conhecimento da humanidade, ela é uma produção cultural.

Quando se pensa em arte, a presença da imagem é muito forte, isto é, nos remetemos ao campo da visão, no entanto, a arte é muito maior, pois envolve outras linguagens artísticas como a música, a dança, o teatro, a poesia, assim como as artes visuais não são compostas apenas pela pintura, mas pela fotografia, pelo cinema, pela arquitetura, etc.

E justamente pela experiência que tive como aluna, como estudante de Pedagogia e como estagiária, senti que a arte foi pouco explorada e que se limitou às artes visuais, por quê? Estas outras formas também não são responsáveis pela formação do indivíduo? Sem contar que a própria arte visual se limita: aos desenhos geométricos, ao desenho de observação, ilustrações para colorir, decorações e presentes para as datas comemorativas, etc.

“Embora a legislação tenha mudado e as formações de professores das diferentes linguagens artísticas também (...) ainda hoje, o ensino da arte é trabalhado de forma a abolir as particularidades das linguagens artísticas e generalizar excessivamente os conceitos, como se todas as artes fossem mais ou menos a mesma coisa, ou pior, como se as práticas artísticas fossem uma só. É triste ainda constatar que, em muitos estabelecimentos de ensino, o ensino de arte ainda seja oferecido por professores completamente despreparados.” (STRAZZACAPPA, 2001, p.118)

A arte como um todo esteve muito presente na minha formação durante a educação infantil, isto é, até os seis anos. E devido a essa memória, a importância que a arte tem no meu cotidiano e a ausência da mesma nas escolas pelas quais passei, decidi estudar mais a relação entre a arte têm para com a escola. Pois,

“arte-educação não significa o treino para alguém se tornar um artista, não significa a aprendizagem de uma técnica, num dado ramo das artes. Antes, quer significar uma educação que tenha a arte como uma das suas principais aliadas. Uma educação que permita uma maior sensibilidade para com o mundo em volta de cada um de nós”. (DUARTE, 1994, p.14)

O professor é grande responsável por trazer exemplos e conhecimentos diversos, portanto sua formação é fundamental para a qualidade de suas aulas, inclusive na área de artes.

Acredito que minha pré-escola, na escola Alecrim em São Paulo no ano de 1993, teve sim “a arte como uma das suas principais aliadas”, tudo o que eu fazia parecia brincadeira, mas hoje posso ver todo o trabalho pedagógico que tinha por trás disso. Espaços que possibilitaram a fantasia e deram subsídios para a imaginação, como um cavalo que havia no meio do pátio, não um cavalo qualquer,

era um cavalo que foi usado em um desfile de escola de samba, assim, ele era de tamanho real e nos levou a diversos mundos de fantasia. A primeira visita ao MASP.

Também me lembro do baú de fantasias onde nasciam princesas, mães, filhos, etc. Escutávamos disco, desenhávamos, pintávamos, mexíamos com argila, massinha, tínhamos diversos tipos de papeis, tintas... No último dia de aula pintávamos uma parede do pátio, cada um poderia pintar o que quisesse, mas para o ano seguinte essa parede era novamente pintada de branco à espera do último dia.

É preciso ampliar as experiências das crianças, para que elas possam criar, pois suas experiências implicarão diretamente na sua produção e principalmente em sua imaginação, pois esta é fundamental para que movamos o mundo. É preciso imaginar, idealizar para se construir algo. Desta forma a sociedade é construída em cima das idéias, da criação, assim, este é mais um motivo para pensarmos a importância da arte dentro da escola, como uma forma de expressão, de criação.

Quando chegou o ano de alfabetização, a arte continuou aliada às atividades. Duas delas merecem destaque, não só por terem sido as mais marcantes como também pelo trabalho e dedicação que envolveu todo o grupo.

A primeira delas foi a produção de um livro coletivo. A turma criou uma história, montou a escrita em forma de livro, isto é, decidimos o que seria escrito em cada página, pois o segundo passo seria dividir as ilustrações. O objetivo era que cada aluno ficasse responsável em ilustrar uma parte da história e que este desenho fosse idêntico em cada livro. Para isso contamos com a ajuda de uma outra professora que nos apresentou a gravura. Explicou como ela era feita, nos ensinou, e fizemos passo a passo, primeiro desenhamos em uma folha, passamos para um EVA cada parte, passamos tinta em cada pedacinho e imprimimos em um grande

rolo. Organizamos a escrita e os desenhos para finalmente terminarmos aquele livro chamado "O cachorro Au au e os 10 anõezinhos"

Uma atividade que nos permitiu lidar com a imaginação de criar uma história, trabalhar com texto, organizá-lo em forma de livro, aprender uma nova técnica das artes plásticas, a gravura. Não estávamos limitados em atividades desconectadas uma das outras, nem tínhamos uma história pronta apenas para ilustrar, ou pior, histórias prontas, ilustrações prontas apenas para colorir.

Já a segunda atividade a arte envolveu ainda mais os alunos, pois fizemos uma peça de teatro. Não me lembro porque e como o texto foi escolhido, mas a história era "O lobo e os sete cabritinhos" do livro Contos de Grimm. Foi um trabalho intenso, pois primeiro trabalhamos com o texto, lemos diversas vezes, cada aluno reescreveu o seu em forma de um pequeno livro, separamos quem seriam os personagens, montamos todo o cenário, pensamos no figurino, ensaiamos até chegar à apresentação final (o espetáculo). Para Vigotski, na verdadeira encenação infantil, tudo – desde as cortinas até o desencadeamento final do drama – deve ser feito pelas mãos e pela imaginação das crianças, e somente assim a criação dramática adquire para elas todo o seu significado e toda a sua força. (2009, p.101)

Com o teatro, pode-se explorar os diferentes pontos de vista dos alunos, propicia-se uma grande convivência em grupo e trabalha-se com o coletivo, base de todo processo e uma forte característica da escola, produzimos cultura vivenciando a arte do espetáculo.

O preparo de tudo foi tão intenso e a participação de nós, crianças, tão presente que tenho nitidamente o processo desse trabalho. Fomos agentes ativos e não meros reprodutores de uma proposta. Criamos e nos envolvemos durante todo o processo. Por fim, "se o teatro é uma arte do coletivo e do tempo presente,

acreditamos que a escola seja o local privilegiado para o desenvolvimento dessa linguagem artística.” (STRAZZACAPPA, 2001, p.122)

Era um ano de alfabetização, não precisamos decorar fonemas, não utilizamos cartilha, mas éramos inseridos ao universo da escrita, aprendemos essa técnica. Entretanto, o teatro nos possibilitou essa vivência e muitas outras, pudemos usar o corpo, a imaginação, além de o teatro ter tido o espaço de ser teatro, da arte pela arte, não foi apenas um meio de alfabetização, pois apesar de toda a proposta tivemos uma oportunidade de nos expressar artisticamente, de atuar, sentir profundamente aquilo que o teatro proporciona.

Uma outra vivência que esta escola me apresentou foram aulas de expressão corporal, que eram oferecidas como extracurricular pelo Núcleo Morungaba, “um espaço de dança, arte e convivência, onde os participantes têm a oportunidade de desenvolver seus potenciais” (Acesso em 10/12/2009) as aulas eram oferecidas fora da escola e ministradas pela Maria Renata de Macedo Soares. Onde experimentávamos o corpo, trocávamos gestos e olhares com os outros.

“O trabalho corporal é baseado no método desenvolvido por Rudolf Laban. Promove a conscientização do corpo, favorece uma melhor postura e domínio corporal e trabalha com noções de ritmo - espaço. Desenvolve a criatividade e a integração no grupo. Busca-se também o resgate das brincadeiras e danças populares brasileiras.” (GONÇALVES, entrevista por e-mail, 14/12/2009)

Por meio de “brincadeiras” iam nos alongando e nos conhecendo, em uma turma mista e com diferente faixa etária. Além das aulas havia apresentações, me lembro que uma foi no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, a outra foi no palco de um teatro, mas não me recordo o nome.

A arte acompanha a vida e a evolução do homem há tanto tempo, é aprendida e produzida nas práticas sociais, porque é tão difícil pensar em arte

Acredito que essa disciplina foi uma das grandes contribuições da arte em minha formação, pois além de textos teóricos e aulas expositivas sobre o assunto, pude fazer parte de uma turma de artistas em formação, tento em vista que eu era a única estudante de pedagogia e dividia a aula com alunos (as) da licenciatura em dança. Deste modo, observei e debati temas sobre a arte e a educação na formação do pedagogo e do professor de dança, como a arte é vista e realizada na escola, entre outros, questionamentos que me instigaram e despertaram a vontade de querer estudar mais. Além de provocar à ida aos espetáculos de dança promovidos pela turma, o que contribuí na construção e formação desse pedagogo que um dia eu viria a ser.

Como foi dito anteriormente, a arte só voltou a ser discutida na disciplina de “Educação Corpo e Arte” quando pudemos vivenciar elementos cênicos até então nunca feito, isto é, utilizamos desde objetos que havia na sala, como colchonetes, bolas, cadeiras e os transformamos em outros objetos, atribuindo um novo significado na elaboração de uma cena; até objetos trazidos por nós, exemplificando algo que gostamos e algo que não gostamos, para nos organizarmos a partir de objetos comuns e também construir uma cena.

A disciplina também nos proporcionou discussões em roda sobre a experiência de cada aluno com o mundo da arte, em que pudemos não só relatar como refletir sobre o outro e sobre o grupo, pois, cada um teve sua vivência, uns com a arte mais presente, outros menos. Constatei que a maioria da turma teve as artes plásticas muito mais presente do que qualquer outra manifestação, alguns trouxeram a geometria na aula de artes, além dos presentes e ensaios de coreografias para datas comemorativas. Ou seja, a arte para grande parte dos

estudantes dessa disciplina não esteve presente como uma forma de expressão e foi limitada em apenas um campo da arte, as artes plásticas.

Também tivemos a oportunidade de visitar o Instituto Tomie Otthake, em São Paulo, que nos possibilitou uma prática diferente daquela vivida em sala de aula, já que permitiu um contato visual (com pinturas e gravuras) e um contato prático (quando realizamos uma gravura coletiva na oficina do instituto) com as artes plásticas.

Para Pinheiro,

"A experiência artística (desde que seja o contato com a verdadeira arte) é repleta de significações na formação de qualquer pessoa, tanto adulto quanto criança. Ela fica ressoando num pulsar seguro dentro da gente; é presença marcante, lembrança, memória (...) O espaço para as experiências artísticas é limitado e apertado tanto no currículo da Educação Básica e Ensino Médio como também no Ensino Universitário. Em quatro anos de formação no curso de Pedagogia tivemos apenas uma disciplina em que pudemos vivenciar tais experiências, discutindo a importância da arte na Educação (...) EP158: Educação Corpo e Arte. Dança, música, teatro, cinema. Infelizmente não experimentamos uma vivência plástica devido diversas impossibilidades. Como dar conta de todos os campos da arte em apenas um semestre? Impossibilidades... caminho estreito para a passagem da arte por aqui (universidade) e por aí (escolas)." (2004, p.27)

É uma pena observar que muitos estudantes de pedagogia não dão a mesma importância para essa disciplina em relação as outras que cursamos no mesmo semestre. Falas do tipo: "Ah, essa disciplina é muito legal, mas eu tenho tanta coisa para fazer." Confirma que a arte não é desvalorizada apenas no currículo da escola, mas os próprios estudantes a desvalorizam na universidade, estudantes estes que se preparam para atuarem na formação de indivíduos. Onde encontraremos a arte como forma de expressão nos alunos desses estudantes? Acho difícil de isso acontecer...

Meu interesse pela arte já existia, a disciplina apenas abriu novos caminhos, oferecendo novas discussões e novas teorias, no entanto, percebi que, assim como

as disciplinas de Fundamentos (Matemática, História, Ciências, entre outras.) integrantes do nosso currículo, não nos forneceram todas as respostas, e sim abriram caminhos para que pudéssemos buscar alternativas e construir soluções, esta também. Ou seja, nos deu base para pensar na relação entre a educação e a arte de uma forma não tão superficial, criando um interesse em querer buscar novos conhecimentos e meios para levar a arte de maneira mais viva em minha prática em sala de aula.

Concordo com Almeida que,

"Sem dúvida, um dos mais importantes objetivos da educação é contribuir para o desenvolvimento da autonomia, ajudar os alunos a se tornarem moral e intelectualmente livres, aptos a pensar e agir de forma independente. Nesse campo, a contribuição das artes poderia ser grande, já que elas, mais do que qualquer outro componente curricular, deveriam incentivar os alunos a uma produção que não dependesse de modelos." (2001, p.22)

O último semestre do curso de Pedagogia é composto pelo Núcleo Temático (constituído de três disciplinas), em que os estudantes escolhem, entre algumas opções dadas pela coordenação as disciplinas que gostariam de cursar, porém, apenas aqueles que estão no último ano podem cursar.

Dentre os núcleos um deles tinha a arte como parte constituinte de seus estudos e foi um dos escolhidos, portanto estamos cursando: *Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte*. Devido a essa opção de poder escolher o núcleo, a turma foi reduzida a apenas onze estudantes, o que podemos observar que a arte nem sempre é a preferência de uma maioria. Portanto, de apenas uma disciplina obrigatória que abrange a arte no currículo, cursei duas e o núcleo temático.

Ao longo do curso também procurei palestras e oficinas (dentro e fora da faculdade) em que a arte estivesse presente. Entre eles: fiz um curso de uma semana em Pedagogia Musical; oficinas e palestras: "Corpo, ludicidade e educação

estética”, “Artes cênicas e corporais na educação”, “Conhecendo um pouco da Pedagogia Waldorf”, “O papel da arte na educação”; “Arte e Educação: Possibilidades multidisciplinares em sala de aula”, e em momentos diferentes fiz duas oficinas de contadores de histórias. Além das apresentações musicais, peças, shows e espetáculos na qual fui espectadora, pois mais do que gostar, acredito que como futura professora preciso ampliar e diversificar as produções artísticas para não “reproduzir na escola o que os meios de comunicação impõe, uma vez que o que vale neles é o critério de mercado e não a qualidade do produto” (ALMEIDA, 2001, p.16-17)

A memória de todo o processo tornou-se fundamental para a relação que hoje eu tenho com a arte, e a vontade que eu tenho de mudar a maneira como ela se encontra na escola, como professora e mediadora de conhecimento em um futuro próximo. Pois para Almeida,

“O motivo mais importante para incluirmos as artes no currículo da educação básica é que elas são parte do patrimônio cultural da humanidade, e uma das principais funções da escola é preservar esse patrimônio e dá-lo a conhecer. As artes são produções culturais que precisam ser conhecidas e compreendidas pelos alunos, já que é nas culturas que nos constituímos como sujeitos humanos.” (2001, p.15)

A relação do professor com a arte vai influenciar/determinar a ligação que os alunos terão com as linguagens artísticas. Porque o professor é muitas vezes a única referência de arte para os alunos, se estes não tiverem modelos na escola, em casa, eles o procurarão em outras fontes, como na mídia, por exemplo. Somente a mídia como fonte de produção artística é um meio suficiente para fornecer aos alunos uma educação em arte ou ela tem o papel de homogeneizá-la?

A arte é uma grande forma de expressão, mas paradoxalmente ela não está presente na escola como deveria, pois segundo os objetivos gerais de arte para o ensino fundamental nos Parâmetros Curriculares de Arte,

“No transcorrer do ensino fundamental, o aluno poderá desenvolver sua competência estética e artística nas diversas modalidades da área de Arte (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro), tanto para produzir trabalhos pessoais e grupais quanto para que possa, progressivamente, apreciar, desfrutar, valorizar e julgar os bens artísticos de distintos povos e culturas produzidos ao longo da história e na contemporaneidade”. (BRASIL, 1997, p.53)

Mas onde se encontra a dança nas escolas? Na festa junina e nas comemorações? Esse é o conceito de dança trazido pela escola? Segundo STRAZZACAPPA (2001: 55) a dança no espaço escolar deve propiciar a crianças e adolescentes um primeiro contato com a linguagem artística, além de permitir que se expressem com o corpo.

A dança precisa do outro, ela acontece nas relações entre pessoas, constitui a criatividade por meio do movimento, fazendo da escola um espaço de grande influência na formação do indivíduo e deveria exercer o papel fundamental de tornar o aluno consciente da existência e importância da arte, já que é um ambiente de troca. E ainda, “toda dança promove transformação, logo, toda dança é educação. A dança por si já é educativa, expressiva e criativa, se não é constituída desses três fatores, então, simplesmente não é dança.” (STRAZZACAPPA, 2001, p.44)

E o teatro? Às vezes o encontramos presente em dinâmicas nos conteúdos de história, literatura, mas é o suficiente? Substituí uma peça criada pelos estudantes? O teatro possibilita aos alunos vivências de personagens diferente daquilo que eles são, podendo assim experimentar o dia à dia de outra pessoa, participar do desenvolvimento de uma história, conhecermos mais o outro que nos cerca e a nós mesmo.

“No teatro, existe a ficção em que é vivida é reinventada, revista, revistada. Não é preciso ser original (no sentido do inédito). Nada precisa ser novo, mas tudo precisa ser recriado. Essa é a séria brincadeira do refazer: ao refazermos, lembramos, refletimos e damos nossa opinião e, assim, exercitamos nossa postura diante da vida.” (STRAZZACAPPA, 2001, p.121)

A criança cria situações por intermédio da imaginação, entretanto ela representa o imaginário na dramatização da brincadeira do faz-de-conta, pois, mais do que outro tipo de criação, o drama está diretamente relacionado com a brincadeira.

Os alunos poderão desenvolver uma percepção estética diferenciada e crítica, seja para o cotidiano, para a cultura popular, para atuar diretamente ou constituir os apreciadores etc., se tiverem o contato direto com a arte. Assim, os alunos poderão dar sentido às suas próprias produções artísticas, situando-as em relação a esses universos pré-existentes, percebendo o caráter dialógico da criação artística.

"Essa consciência nos parece importante porque ajuda a desmistificar certas idéias em relação ao artista como aquele que cria com base unicamente na sua inspiração, idéias essas tributárias do senso comum e que nos parecem educacionalmente prejudiciais, uma vez que, praticamente, excluem do acesso à arte a grande maioria das pessoas." (STRAZZACAPPA, SCHROEDER e SCHROEDER 2005, p.79)

É preciso apresentar aos alunos que a arte é um meio de mostrar aquilo que não conseguimos conceituar e significar através de palavras, não que a literatura e a poesia não consigam expressar-se, pois elas também compõem o universo da arte. Porém, quando digo que a arte não é uma linguagem é apenas uma maneira de diferenciá-la da maneira discursiva e oral, isto é, exprimir sentimentos por meio de palavras é diferente da maneira de transmitir sentimentos por meio de um gesto, uma expressão corporal, etc., nem sempre as palavras contemplam o sentimento.

Para Pinheiro

"O contato com a Arte (independentemente se for com a música, dança, teatro ou qualquer outra manifestação artística) sensibiliza, aguça os sentidos. Dessa sensibilização surgem as possibilidades de criar e recriar; transformar! Poder imaginar algo diferente daquilo que se é dado e expressar, em outras linguagens, algo que possa tocar cada um no mais íntimo do seu ser. (2004, p.9)

## Capítulo II

### A. Abordagem metodológica

A abordagem da pesquisa qualitativa apresenta como uma de suas características a presença do pesquisador no campo, cujo interesse está sempre envolvido. Assim, o pesquisador está engajado naquilo que lhe atrai, não havendo desta forma neutralidade.

Não importa a técnica que será utilizada no campo de ação para se coletar dados, o objetivo é reunir a maior quantidade de documentos em menor tempo. Esses documentos são registros da realidade, em um determinado momento, lugar (datados) e se apresentam em geral sob três formas: documentos escritos, documentos orais e documentos iconográficos.

Os documentos podem existir ou serem produzidos pelo pesquisador, isto é, além dos dados que já existem, o pesquisador pode produzir documentos para esclarecer os problemas que está estudando, sendo um documento de ordem primária. Pois, os sujeitos pesquisados podem oferecer informações orais que são transformados em documentos.

"O relato oral está, pois, na base da obtenção de toda a sorte de informações e antecede a outras técnicas de obtenção e conservação do saber; a palavra parece ter sido senão a primeira, pelo menos uma das mais antigas técnicas utilizadas para tal. Desenho e escrita lhe sucederam." (QUEIROZ, 2008, p.16)

Escolhi falar sobre a história oral que registra a experiência de um indivíduo e/ou uma comunidade, dentro dela está a história de vida, que é composta: pela entrevista, pelo depoimento, pela biografia e pela autobiografia. Para este trabalho utilizei a entrevista que,

"supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador; o tema ou o acontecimento sobre que verso foi escolhido por este último por convir ao seu trabalho. O pesquisador dirige, pois, a entrevista; esta pode seguir um roteiro previamente estabelecido, ou

operar aparentemente sem roteiro, porém na verdade se desenrolando conforme uma sistematização de assuntos que o pesquisador como que decorou". (QUEIROZ, 2008, p.20)

No relato oral, ou seja, na transmissão de conhecimento, entonações e emoções que constituem a fala ficam obscuras no documento escrito. Neste caso o foco da coleta de dados foram as experiências de arte que as entrevistadas tiveram, assim, a oralidade não se faz essencial.

Entretanto, o avanço tecnológico permitiu o uso do gravador nas entrevistas que diminui essa perda, porém, após sua gravação é preciso transcrevê-la, tornando-se um documento escrito e semelhante a outro texto escrito, constituindo-se em fontes de dados para outros pesquisadores. Fato que não se torna um problema, tendo em vista que todo pesquisador se apóia em fontes múltiplas. Penso no quanto já se perdeu pelo simples fato de um pesquisador focar sua pesquisa e deixar passar dados importantes, não só na hora de transcrever uma fita, mas por interromper o narrador quando este desvia do foco daquilo que interessa ao pesquisador. Ao mesmo tempo, se o pesquisador não tem um foco no seu(s) objetivo(s) como ele conclui? Se o pesquisador apresenta muitos documentos originários de entrevistas, como organizar e analisar tudo sem se perder conteúdos importantes? Às vezes o que não é importante ou não faz parte do objetivo de um pesquisador, pode ser a resposta ou o início para outro. Portanto, a partir dessa reflexão, julgo necessário anexar as duas entrevistas realizadas na íntegra.

O pesquisador dirige a entrevista, pois é ele que quer saber algo específico na vida daquela pessoa, uma determinada experiência, por exemplo. No meu caso, entrevistei duas pedagogas que depois de formadas, de uma maneira ou de outra envolvem a arte em seus trabalhos. Para mim é importante saber como a arte chegou a essas pessoas, como ela esteve presente na formação delas como pedagogas e de que maneira a utilizam em seu trabalho. "Desde o início da coleta

do material, quem comanda toda a atividade é o pesquisador, pois foi devido a seus interesses específicos que se determinou a obtenção do relato." (QUEIROZ, 2008, p. 18)

Desta forma, como pesquisadora direcionei a entrevista, já que possuo uma finalidade para a minha pesquisa, me interesse por um aspecto específico na história de vida dessas pessoas. Sendo assim, eu coloquei as "regras", isto é, quanto tempo durou a entrevista, posso interrompê-lo se a mesma fugir do que eu quero saber, quando eu achar que o que ela disse é suficiente, posso colocar um ponto final.

Esta é a grande diferença entre a história de vida e do depoimento, o modo de agir do pesquisador durante o diálogo. Pois, na coleta da história de vida, apesar do pesquisador escolher o tema, formular as perguntas que deseja dar explicações, propõe o problema, dirige o encontro e assim, o narrador escolhe e decide o que vai falar e quando acaba sua fala, e tudo que é relatado é considerado.

Todo material levantado pelo pesquisador através de entrevistas é um ponto no qual ele precisa iniciar outros procedimentos, como a descrição, análise, levantamento de dados, entender e explicar o fato de acordo com a pesquisa, entre outros. Fica a critério do pesquisador publicar toda a entrevista ou parte dela, se publicá-la integralmente, serve de fonte para qualquer outro pesquisador, o que pode colaborar com outras pesquisas. Desta forma, esta foi a minha escolha, além de utilizar trechos das entrevistas para discussões, deixo-as ao final do trabalho nos anexos.

## **B. A arte na escola**

A escola é um espaço construído socialmente e possui o fundamental papel de transmitir os conhecimentos sistematizados já adquiridos pela sociedade. Isto é, a partir do momento que o homem cria, descobre algo em relação com suas necessidades, ele passa esse conhecimento adquirido a diante, não é preciso descobrir novamente. Portanto, podemos dizer que o fato de um indivíduo não ter acesso à escola, ser excluído, abandoná-la, significa um impedimento na construção e apropriação do saber. A escola capacita o sujeito ao mundo racionalmente, preparando-o para operar produtivamente, assim, as emoções ficam fora das salas de aula, fazendo dos “recreios” e das “aulas de arte” os únicos momentos onde podemos exprimir nossos sentimentos e expressar nossas emoções.

Entretanto, muitas vezes este espaço escolar é o único lugar onde o indivíduo terá contato com muitos dos saberes e um deles é a arte. Que está presente na vida do sujeito independentemente se estar inserido no currículo da escola, porém, é preciso atentar-se ao tipo de produções artísticas que esse aluno esta inserido, para que ele tenha repertório diversificado e criticidade, para não reproduzir apenas sua sociedade, cultura, classe social, etc. É preciso conhecer um todo para ter critério de escolhas e preferências.

Concordo com Strazzacappa que a arte existe para que possamos nos expressar. Dizemos por meio dela aquilo o que não conseguimos comunicar de outras maneiras. As diversas formas artísticas existem para responder às diferentes necessidades de expressão do ser humano. (2001, p.40) Como iremos nos expressar apenas com as artes plásticas da maneira que ela vem sendo ensinada na escola?

Das duas entrevistas realizadas, a arte não foi explorada na escola e isso fica claro nos seguintes trechos:

“Porque se você for ver, na escola eu nunca fui estimulada a me caracterizar, a interpretar um personagem, tanto que assim, eu nunca me vi interpretando a Nona Carmela ou a Toda-Toda, a Bruxinha Nicolau, mas quem assiste fala que eu me transformo, aí perguntam assim: ai, você fez curso? Não fiz, eu não fiz! (entrevista n1, p.46) (...) não tinha aulas de teatro. Era aula de Educação Artística, a gente via o ano inteiro: linha, semirreta, ponto, essa era a aula de Educação Artística. No final do ano chegava esse negócio do teatro, só que ela nunca ensinou para gente o teatro, como a gente deveria fazer, o que compunha uma cena, então a gente criava, e eram nesses momentos, nos ensaios em casa, nos textos. (entrevista n2, p.58)

A imaginação é o princípio da arte e é ela quem alimenta as brincadeiras de quando somos crianças. Que nos permite criar e nos expressar artisticamente, portanto é mais um ponto que nos permite refletir a importância da arte dentro da escola. Pois por meio dela a criança pode manifestar seus sentimentos, mas para isso é preciso que as aulas de arte deixem de ser sombra das outras ditas como mais importantes, como sérias, afinal, há disciplina nos trabalhos cênicos, corporais, instrumentais, etc. É preciso pensar na “(...) questão da ausência do lúdico nas disciplinas científicas da escola, mas também na ausência de seriedade no ensino de disciplinas artísticas, comportamento que tende a acentuar a visão de que o ensino de arte é supérfluo.” (STRAZZACAPPA, 2001, p. 62)

O ser humano criou a linguagem, a religião e estipulou a necessidade do trabalho, primeiras manifestações, cuja arte nascera juntamente tanto para desenvolver as ferramentas de trabalho como nos rituais aos deuses, por exemplo. Assim, a arte de pintar, esculpir, cantar, dançar fazia parte de atividades técnico-religiosas e os artistas que as criavam, não as criavam segundo sua vontade, deveriam respeitar e conservar as regras para a fabricação dos objetos dos rituais.

“As grandes obras de arte das sociedades antigas e da sociedade cristã medieval, assim como da cultura judaica e da cultura islâmica, são religiosas – templos, catedrais, palácios, cálices, taças, mantos, túnicas, chapéus, colares, pulseiras, anéis, estátuas, quadros,

músicas e instrumentos musicais, gravuras e ilustrações de manuscritos, etc., tudo isso era encomendado pela autoridade religiosa e pelos oficiantes dos cultos". (CHAUÍ, 2002, p.274)

Para que as artes ganhassem autonomia foi preciso iniciar o modo de produção capitalista, deste modo, os artistas saem das mãos do poder religioso, mas passam para as mãos do poder econômico. Isto é, ele pode criar livremente, mas se o mercado não o aceitar ou não estiver ainda pronto para aceitá-lo, essa obra não terá valor no mercado. Fato que aconteceu com diversos artistas que viveram em uma época que aquele tipo de arte não era valorizado, e muitas vezes ganha esse valor depois de um tempo, tempo que pode fazer do artista morrer antes de se tornar alguém reconhecido pela sua obra.

Segundo Chauí, a técnica ou a arte inventa instrumentos engenhosos e astutos para auxiliar o corpo a realizar uma atividade penosa, dura, difícil que, nas sociedades antigas, era realizada por escravos ou servos e por homens livres pobres. (2002, p.276) Assim, com a valorização do trabalho as artes mecânicas também passaram a ser mais valorizadas.

Tendo em vista que

"(...) no final do século XVII e a partir do século XVIII, quando se distinguiram as finalidades das várias artes mecânicas, isto é, as que têm como fim o que é **útil** aos homens – a medicina, agricultura, engenharia, arquitetura, culinária, os artesanatos (...) – e aquelas cujo fim é produzir o **belo** e provocar o sentimento de beleza – pintura, escultura, poesia (ou literatura), a música, o teatro e a dança." (CHAUÍ, 2002, p.276)

A arte, desde que surgiu, se apresenta inseparável da ciência e da técnica, sem haver hierarquia entre estes campos do conhecimento. Tanto o belo quanto o útil estão presentes nas revoluções e manifestações dos povos, buscando respostas e interpretando a realidade.

Percebemos a diferença entre a disciplina de arte e as outras, pois para muitos "as aulas de arte serviam mesmo é pra se divertir, para aliviar a tensão

provocada por todos aqueles outros professores sisudos e suas exigências intermináveis.” (DUARTE, 1994, p.12) É preciso deixar claro a contribuição da arte para o desenvolvimento e formação do indivíduo, pois é parte da constituição do ser humano.

Por fazer parte da nossa constituição, a dança, a festa, o ritual não podem ser afastados do cotidiano, para que o mesmo não seja ocupado apenas com o trabalho útil. Assim como a escola pode democratizar o acesso e permitir que todos usufruam das produções artísticas, tendo em vista o fato delas muitas vezes alcançarem um lugar que poucos tem acesso, por se encontrarem presentes em lugares: teatro, museus, que nem sempre faz parte da realidade de uma maioria . A escola deve também ser responsável pela educação do sensível, que foi separado do pensamento concreto e ao longo da história se tornou algo menos importante.

“A arte não procura transmitir *significados conceituais*, mas dar expressão ao sentir. E dar expressão de maneira diversa da de um grito, de um gesto, de um choro. Porque a expressão nela está formalmente estabelecida, isto é, está concretizada, lavrada, numa *forma* harmônica. Assim, a arte *concretiza* os sentimentos numa forma, de maneira que possamos percebê-los. As formas da arte como que “representam” os sentimentos humanos.” (DUARTE, 1994, p.44)

A escola no entanto enfrenta dificuldades para inserir a arte como forma de expressão, pude perceber isso não só nas experiências que tive, mas num segundo momento da entrevista que fiz com a professora Cristina Decico, que perguntei a ela por e-mail sobre a criação de uma sala para que as crianças pudessem utilizar alguns materiais artísticos. Mas infelizmente essa foi a resposta que eu obtive:

“Quanto a sala de fantasia infelizmente não foi para frente. Cheguei a montá-la logo que a creche inaugurou. Coloquei um espelho que pegava quase uma parede inteira da sala. Comprei três araras para pendurar as fantasias que foram fornecidas pela prefeitura. Ainda tínhamos nessa sala uma bandinha completa, muitos fantoches, painel para apresentação de teatro de fantoches, brinquedos diversos. Porém essa sala era pouco usada, alguns professores a utilizavam com seus alunos, mas a maior parte do tempo ficava vazia. Quando a utilizavam não havia atividades planejadas, as crianças ficavam

"soltas" e lógico queriam explorar todos aqueles materiais que estavam a vista. As professoras ficavam "loucas" e não conseguiam controlar aquilo que chamavam de "bagunça". Em pouco tempo o espelho quebrou, vários instrumentos da bandinha também quebraram, fantoches foram perdidos...enfim foi uma grande frustração. Por mais que eu cobrasse e sugerisse as atividades nessa sala, aqueles professores que estavam apenas de passagem pela escola, **não tinham preparação, segurança ou entusiasmo para trabalhar nela.** No ano seguinte, a fila de espera de crianças para serem matriculada estava imensa e a coordenadora regional exigiu que essa sala fosse transformada em uma sala de aula de Agrupamento 3 (agrupamento 3 é o equivalente a pré-escola, para crianças de 5 e 6 anos) uma vez que, ao seu ver, estava ociosa e poderia diminuir o número de crianças da fila de espera. E assim foi feito. Hoje esta sala possui mesinhas com quatro cadeiras, estantes com materiais pedagógicos, lousa e um pequeno espelho. As araras com fantasias estão guardadas no almoxarifado, e podem ser utilizadas sempre que quiserem, mas raramente um professor solicita. Hoje temos pouco espaço na creche, todas as salas de aula estão lotadas com 35 crianças cada. Confesso que tive uma grande frustração por não conseguir levar adiante essa idéia da sala de artes, por outro lado me via sozinha nessa empreitada, sem apoio de professores e uma equipe gestora. Durante 2 anos fiquei sozinha na direção da escola e a parte burocrática me consumia muito tempo, e muitas vezes deixei a parte pedagógica de lado." (entrevista por e-mail, 27/09/09)

Neste caso havia um espaço, o que não havia era preparo para a utilização do mesmo. Por isso, não podemos cair no discurso de que falta espaço adequado na escola, pois se tem um ponto favorável é que a arte apesar da sua diversidade e ao mesmo tempo individualidade, permite que se improvise e que se crie espaços inexistentes. Através da brincadeira do faz-de-conta o professor pode dar outra forma no ambiente da sala de aula, por exemplo, já que para se brincar de faz-de-conta é preciso de dois elementos fundamentais: crianças e adultos, ambos presentes no espaço escolar.

Por outro lado, não podemos perder de vista que "se uma escola compreende que a física, a química e a biologia precisam de laboratórios minimamente equipados para o bom desempenho de suas funções, não seria desprezo considerar que o

estudo de arte pode ser realizado em qualquer lugar, com qualquer coisa, em vez de criar recursos para realizá-lo com qualidade? (STRAZZACAPPA, 2001, p. 119)

Para Decico,

“precisamos criar um ambiente que seja da criança e para a criança, uma vez que ela passa grande parte de seu dia na escola, e que as interações sociais com pessoas adultas e com outras crianças, que não são as de seu meio familiar, contribuem para aquisição de novos conhecimentos, informações, novos valores, promovendo a convivência e o conforto das diferenças entre as pessoas.” (2006, p.15)

Talvez o princípio seja “a começar por ‘educar’ os educadores. Ensiná-los a olhar para a dança e para as demais atividades artísticas corporais com outros olhos.” (STRAZZACAPPA, 2001, p.62) Para muitos educadores a brincadeira de faz-de-conta e a imaginação não são mais valorizadas após a educação infantil, mas esses momentos são ricos no aprendizado por imitação, por exemplo, pois ela pode ser o motivo para desenvolver o que o outro faz, experimentando em nós mesmos as ações, movimentos, posturas, valores. O professor como mediador possui uma grande experiência de vida que pode ser uma rica ferramenta para ampliar a criatividade da criança por meio de brincadeiras, encenações, fantasias.

Infelizmente o lúdico e a arte, o desenho, por exemplo, são mais intensos nos primeiros anos da escola. Justamente por depois serem substituídos por atividades vistas como sérias, aquelas que transmitem o conhecimento científico valorizado pela sociedade. Deixando o lúdico e a arte com horários cada vez mais reduzidos e são menos valorizados, deixando-os como tempo de pura diversão, cuja riqueza de saberes adquiridos e vivenciados tanto nas brincadeiras de faz-de-conta como das expressões artísticas, que poderiam ser mediadas pelo professor, passam despercebidas. “O desafio é exatamente este, o equilíbrio entre a seriedade e o

lúdico, a forma como se inicia um e termina o outro e vice-versa.” (PINHEIRO, 2004, p.43)

Pois para Almeida,

“O ensino das arte tem, portanto uma dupla face. Por um lado, é conservador – no sentido de preservar, reter, resguardar: quem ensina, ensina algo que aprendeu com alguém, que também aprendeu com alguém, e assim por diante –, pois é preciso aprender e dominar os conhecimentos artísticos; por outro, requer e impulsiona mudanças, a transformação, o novo. Por isso, ensinar faz parte de um processo que nos remete ao passado e ao futuro, à eternidade.” (2001, p.16)

Outro fator que faz das artes uma disciplina menos valorizada que as de mais é a relação com a nota. Não só pelo fato da dificuldade de atribuir a um trabalho artístico em conceito numérico, mas alguma vez um aluno foi retido pela disciplina de artes, por exemplo?

“A razão explícita dada pelos educadores é que a educação no Brasil tem de ser direcionada no sentido da recuperação de *conteúdos* e que arte não tem *conteúdo*.” (BARBOSA, 1989, p.181) Penso que, considerar a arte como uma disciplina que não apresenta conteúdo, é mais um fator para desvalorizarem. Entretanto, se pensarmos na arte como fazer presente de Dia das Mães, colorir ilustrações, etc., podemos dizer sim que ela não tem conteúdo. A escola precisa mudar a maneira que a arte é vista dentro dela, a maneira como ela está sendo apresentada para os alunos.

## Capítulo III

### Importância e diferença da arte na formação

Há um elemento fundamental que constitui o ser humano, que precisamos refletir sobre: seu movimento na escola, o corpo. Porque as crianças que são ditas como comportadas são aquelas que pouco se movimentam e aqueles que são classificadas como bagunceiras muitas vezes recebem como punição a impossibilidade de se movimentarem.

Podemos observar que os movimentos dos alunos são restritos aos intervalos e aulas de educação física, pois até a ida ao banheiro deve ser autorizada pelo professor. Que corpo é esse que está presente na escola? Não é ele grande responsável pela nossa comunicação, expressão? Que tipo de indivíduo nós educadores pretendemos formar se dificultamos ou impossibilitamos o movimento?

Se voltarmos a refletir sobre a minha formação como pedagoga, mais especificamente às aulas de Educação, Corpo e Arte, podemos pensar na valorização desse corpo, nos exercícios prévios da realização de um cena, por exemplo. Um corpo presente e ativo, concordo com Strazzacappa que, “desenvolver um trabalho corporal com os professores teria uma dupla função: despertá-los para questões do corpo na escola e possibilitar a descoberta e desenvoltura de seus próprios corpos, lembrando que independente da disciplina que lecionam (português, matemática, ciências, etc.) seus corpos também educam.” (STRAZZACAPPA, 2001, p.78)

Para Pinheiro,

(...) uma das coisas que ficou muito marcante para o grupo, que eu fiz a noite a Educação, Corpo e Arte, foi o processo, o que a gente conseguiu mobilizar. No final, no último dia que era a apresentação, tava todo mundo envolvido, não só os alunos, a gente envolveu

parente, amigo. Todo o processo para montar a apresentação, enfim, acho que é uma das potencialidades da arte, essa coisa de mobilizar e isso eu pude ver na oficina que eu fiz da pesquisa. Começou de um jeito e no final o grupo se fortaleceu, por explorar o corpo, esse exercício do olhar, porque eu acho que a arte é o único campo que permite e que a escola muitas vezes não permite para a criança, e o professor que passa por essa experiência não é o mesmo professor e é isso que eu quis comprovar. Nem todos os professores foram até o final da oficina, que conscientemente são as mais antigas, com mais tempo de magistério, são professoras que não demonstraram um contato anterior com a leitura, tinha uma até que fez teatro, ela foi até um pouco perto do final, mas aí entrou questão de saúde, por causa de uma licença de saúde ela não pode ficar lá. As com mais tempo de magistério são as que mais ficam doentes, as que menos se preocupam com a formação." (entrevista n2, p.57)

O que nos faz refletir que: se a educação do corpo deveria estar presente em todas as disciplinas da escola, ela não é apenas responsabilidade das aulas de educação física ou nos espaços que há dança. Toda a educação é voltada para o corpo, pois nós somos corpo.

"(...) Um corpo que se comunica e se expressa através dos sentidos, que diz e escuta, sente e faz sentir, seja através de performances ou de obras que pedem a participação e interação do público nas artes visuais; seja através da sonoridade, respiração e ritmo corporal na música; ou mesmo, da necessária presença do corpo do intérprete no teatro e na dança. (LEITE, ANPED, 2009, p.01)

Decico em sua formação como pedagoga, na UNICAMP, buscou disciplinas que trouxessem o corpo, pois sentia necessidade de discutir o corpo e a arte no contexto escolar, podemos observar isso quando ela diz ter feito todos os créditos de disciplinas eletivas fora da Faculdade de Educação. "Eu fiz na Educação Física, Vivências Corporais, com o Adilson na época, que foi ótimo. Fiz na dança, uma disciplina também que era com o corpo, então fui buscando fora da faculdade de Educação essas disciplinas que eu acho que acrescentaram de alguma forma." (entrevista n1, p.40) É interessante porque ela nunca fez nenhum curso de teatro, entretanto devido a necessidade de aproximar a turma de alunos da sua sala de aula com o livro, iniciou um trabalho de caracterização dos personagens daqueles paradidáticos que trabalhava na escola. Percebo a importância que está professora

atribuí ao corpo e o utiliza de tal forma que aproxima os alunos para a leitura, pois “essa minha última turma que eu parei no meio do ano, eu tava chegando num ponto que se eu continuasse a dar aula, não só eu ia ser as personagens, as crianças também (...)” (entrevista n1, p. 53)

A brincadeira e o jogo de faz-de-conta se tornou tão forte e presente na sala de aula da Decico, que até uma situação em que uma menina estava brincando com uma boneca em um dia que não podia levar brinquedo, a professora acaba levando para o lado da imaginação e cria um ambiente de fantasia. Podemos observar melhor no trecho:

E quando eu peguei aquela boneca, meu impulso era pegar aquela boneca e colocar lá no fundo e esquecer “Agora não é hora de brinquedo”, sabe!? Passa isso, vai falar que não, você passa nervoso, você vai ver quando você pegar a sua sala, você vai lembrar do que eu to falando, tem horas que você perde as estribeiras. Quando eu peguei aquela boneca, ela era linda, enorme, “quem que é essa boneca? Vamos colocar ela aqui” E foi a melhor coisa, foi um insight. (entrevista n1, p.53)

A boneca é colocada em uma carteira vazia, logo ela está com um livro na frente, como se estivesse lendo. Os alunos interagem e vão virar a página do livro, quando terminam a lição vão até a boneca e leem para ela. Desta forma, a professora criou no imaginário infantil uma brincadeira que contribuiu para outras experiências pedagógicas, pois uma das alunas que tinha dificuldade para ler em voz alta começou a ler para a boneca, logo amigos foram chegando para escutar a história também, até que ela por intermédio de uma boneca sanou sua dificuldade através do lúdico. Bastou a sensibilidade da professora para criar mais um espaço de aprendizagem. Tendo em vista que outras bonecas surgiram nos dias seguintes, até uniforme elas usavam e passaram a fazer parte do ambiente da sala de aula.

Um grande objetivo para se ter artes na educação é mediar o aluno a aprofundar o campo da imaginação, obter experiências para poder criar, imitar, se

apropriar de elementos culturais, sentir o mundo e a si mesmo, compartilhar e (des)construir conceitos, cultura. Deste modo, proporcionar uma boa leitura, criar espaços para os alunos manusearem materiais, como argila, tintas, etc., disponibilizar fantasias, elementos para criarem cenas (mesmo que através da brincadeira do faz-de-conta), músicas e danças diversificadas, "(...) somos levados a conhecer nossas experiências vividas, que escapam à linearidade da linguagem" (DUARTE, 1988, p.103)

"(...) a atividade artística da criança apresenta o sentido de *organização de suas experiências*. Desenhando, pintando, esculpindo, jogando papéis dramáticos, etc., a criança seleciona os aspectos de suas experiências que ela vê como importantes, articulando-os e integrando-os num todo significativo. Assim, ela busca um sentido geral para sua existência, percebendo o seu "eu" como um todo integrado e relacionando a sua ambiente. "Para ela, a arte é mais do que um passatempo; é uma comunicação significativa consigo mesma, é a seleção daqueles aspectos do seu meio com que ela se identifica, e a organização desses aspectos em um novo e significativo todo. A arte é importante para as crianças. É importante para seus processos de pensamento, para seu desenvolvimento percentual e emocional, para sua crescente conscientização social e para seu desenvolvimento criador." (DUARTE, 1988, p.112)

Os professores sem uma boa qualificação não estão preparados para ensinar, e assim, não conseguem ministrar uma educação artística e estética com informação histórica, compreensão do fazer artístico como auto-expressão. É preciso estar consciente do nosso papel enquanto mediador de conhecimentos. Devemos, "andar pelo mundo e prestar atenção nele, podendo significá-lo para então assumir um papel de professor sujeito, aquele que se preocupa com sua formação científica e estética, aquele que percebe o mundo em suas relações e que busca no outro e em si mesmo a possibilidade do diálogo entre a escola, o professor, a criança" (HONORATO, 2008, P.110)

É fundamental o professor ter tido experiência e preparo antes de propor a atividade para o aluno, portanto voltamos ao problema referente a formação desse professor, da desvalorização, da pequena carga horária e ausência de espaço físico

destinada à disciplina. A contribuição da arte no processo de educação do indivíduo seria outra se houvesse um professor de: música, dança, teatro, artes visuais, cada um com sua especialidade.

Num trecho da entrevista com Pinheiro, ela diz que

“(...) o professor tem que vivenciar isso antes de fazer, não adianta falar para ele fazer se ele não vivenciou, se ele não ouviu uma história desse jeito, se ele não passou por um processo de criação, de mudar o corpo, de viver um personagem. Eu penso assim, para você oferecer que a criança viva o olhar para aquilo que ela faz e conhecer, você precisa passar por isso, então eu pude olhar para algumas coisas das crianças, produções, ou propor trabalhos que eu vivi, porque se não não adianta, você fica em um discurso vazio, eu acho que essa é a missão agora.” (entrevista n2, p.60) “(...) então a pesquisa no meu olhar é esse professor de primeira a quarta que não tem uma formação artística, mas que utiliza que recursos artísticos dentro da educação formal. Então essa era minha preocupação, porque eu me via transformada pela arte dentro da sala de aula, no dia a dia com as crianças, na relação com o conteúdo, com a leitura com a escrita. E eu queria investigar se outros professores que também vivenciassem esse contato se mudariam a prática deles, se veriam alguma coisa transformada na relação com a criança, com a leitura. Enfim, porque no Estado é obrigatório à leitura em voz alta feita pelo professor então recebemos um acervo maravilhoso de literatura de qualidade e o professor tem de ler a história pra criança. De que forma essa história é contada? Eu fiz a pesquisa com os professores do Estado, como é esse momento? Como é o preparo com as histórias? E o que esse momento de leitura pode influenciar, tanto na relação com o aluno, na questão da criatividade, outras possibilidades.” (entrevista n2, p.60)

Percebo a importância e a diferença quando o professor teve ou se preocupou em ter a arte presente em sua formação, pois, no caso dos livros paradidáticos, uma história bem contada estimula a imaginação, e é ela que capacita o homem a construção da vida sociocultural, permite que o velho seja apropriado e o novo construído. A arte possibilita reflexão do mundo, para que se possa agir como indivíduo que transforma sua sociedade. Pois, historicamente a arte tem grande influência e grande produção em períodos de guerras, revoluções, etc.

De acordo com Duarte,

“O conhecimento humano visa sempre à orientação da ação, para que esta se dê de maneira eficaz. Como vivemos num universo não apenas físico, mas também simbólico, como vivemos uma vida não apenas racional, mas fundamentalmente emocional, a arte se destaca como importante instrumento para a compreensão e organização de nossas ações. Por permitir a familiaridade com nossos próprios sentimentos, que são básicos para se atingir o mundo.” (1988, p.104)

Apesar de a arte ser resultado de imaginação e fantasia, ela não está desvinculada dos modelos que constituem a sociedade, como o poder econômico, político, etc. As expressões artísticas dão forma a uma determinada sociedade com suas idéias e emoções, constroem História por representarem a cultura e estabelecem relações entre obras de arte e outros tipos de manifestações culturais, tendo em vista a tessitura entre o tempo e o espaço.

Refletindo sobre o tempo e o espaço em que a arte se constitui, torna-se fundamental o conhecimento do professor no que atrai os seus alunos, em seus gostos; por meio de uma investigação ele pode saber os interesses estéticos e os conhecimentos prévios que eles obtêm. E ainda, o professor deve explorar esses interesses pessoais. “Mesmo que não enfatizemos as artes da tela, a presunção da existência estética visual, anterior ou extra-escola, a sua conseqüente dependência da flexibilidade da arte em incluir artesanato, arte popular e meios de comunicação de massa, são conceitos essenciais para se estruturar futuramente programas de arte nas escolas.” (BARBOSA, 2005, p.51)

É importante apresentar diferentes modelos para os alunos e vivenciá-los para levar algo que o próprio professor possui como conhecimento prévio. Decido contar um pouco da experiência de voltar à Unicamp e participar de algumas aulas na disciplina de Educação, Corpo e Arte, disciplina na qual não fazia parte da grade curricular quando ela estava na graduação. Mas teve a oportunidade de contar um pouco sobre sua vivência de caracterizar-se e interpretar um personagem do livro que estava sendo trabalhado em sala para os alunos cursantes dessa disciplina.

“Olha, foi uns três ou quatro encontros que eu fui na disciplina. A primeira vez eu fui muito preocupada, porque eu nunca tinha falado com um grupo, o pessoal da faculdade. E o retorno foi muito positivo, eu acho que algumas pessoas, que nem você falou, algumas pessoas acham que é bobeira a disciplina, outras gostam. Eu acho que eu consegui plantar sementinhas em algumas pessoas, porque depois retornaram, mandaram e-mail “Olha, eu tentei a experiência na minha sala e foi muito legal, deu certo, me identifiquei”. E às vezes chegava no final, encerrava a aula, vários alunos vinham me procurar para conversar, queriam saber mais, queriam saber dicas e falar “Ah, eu já faço isso e realmente é assim” ou “Ah, vou tentar na minha sala para ver como é que é e depois te passo um e-mail”. E aí depois fez e deu certo. Então acho que foi super produtivo, acho que foi legal. E até mesmo quando eu me caracterizei de personagem, porque o personagem vai, para mostrar. Porque uma coisa é você falar do personagem, outra coisa é você ver o personagem. Mas você não vai ver dessa vez (rs). Assim, na hora que a personagem entra, a reação delas é a mesma das crianças, é impressionante. Gente, não muda! Porque aquele momento é de brincadeira e as pessoas entraram na brincadeira. Com todas as turmas que eu fiz essa palestra, o resultado foi muito positivo, entraram na brincadeira. Tem hora que ela chama para dançar, para cantar, todo mundo participou. Claro, uns mais empolgados, outros menos, mas não teve quem saísse da sala ou não retornasse, e depois no final eu dou uma dinâmica, cada um tem que interpretar alguma coisa, só que eu não faço “tem que interpretar”, cada um faz como se sente a vontade, se quiser pegar um fantoche, se quiser se caracterizar. Então uns se caracterizam todo outros não, se escondem atrás de um pano, pegam um fantoche só com a mãozinha.” (entrevista n1, p.51)

## Considerações finais

O ser humano precisa criar para suprir suas necessidades, sejam elas biológicas, físicas, emocionais. Para isso, desenvolve novas técnicas, habilidades como forma de extensão do corpo, isto é, não é da natureza do homem voar, nem ficar embaixo d'água por horas, no entanto descobre meios de concretizar essas idealizações. Novas necessidades devem ser criadas para que movimente o exercício da imaginação.

Consequentemente, o ser humano imagina e o ato de imaginar se dá desde criança, por isso, é fundamental fornecer subsídios para essa imaginação, não é possível imaginar sem conhecimentos prévios sobre diferentes tipos de assunto. Desta forma, a imaginação do adulto é mais rica, por ele ter mais experiência e com isso mais elementos para alimentar essa imaginação.

O espaço escolar construído socialmente para mediar o conhecimento já adquirido se bem aproveitado, pode ser o lugar para disseminar a arte. Mas para isso, é preciso voltar para a formação do professor, pois é este o responsável por essa mediação. Para isso, ele precisa ter vivido experiências artísticas não só como expectador, ato importante para sua construção estética, mas como também exercícios que tenham possibilitado a experimentação prática de elementos artísticos.

A arte não pode ser substituída ou desvinculada das produções humanas, pois ela é um elemento que auxilia a aprendizagem transformativa.

Parafraseando Almeida,

"As artes fornecem um dos mais potentes sistemas simbólicos das culturas e auxiliam os alunos a criar formas únicas de pensamentos. Em contato com as artes e ao realizarem atividades artísticas, os alunos aprendem muito mais do que pretendemos, extrapolam o que poderiam aprender no campo específico das artes. E, como o ser humano é um ser cultural, essa é a razão primeira para a presença das artes na educação escolar." (2001, p.32)

Seria utópico dizer que todos os estudantes deveriam concluir o ensino médio, tendo vivenciado experiências artísticas nas artes visuais, na dança, na música e no teatro. Experimentando e discutindo o que é belo, conhecendo sobre a história da arte, cuja história é a mesma pertencente à humanidade. No entanto, contraditoriamente os Parâmetros Curriculares Nacionais sobre Arte afirmam que os alunos devem obter conhecimento dentre dessas quatro grandes manifestações artísticas.

Com todos os pontos já levantados e discutidos, a arte deveria ser explorada na escola de maneira a auxiliar: a auto-expressão, pela necessidade inata que o sujeito tem de transmitir seus pensamentos e sentimentos; apreciação, como resposta as produções dos outros sujeitos pertencentes ou não a sua sociedade; além da produção como tentativa de manifestar, criticar, denunciar algo que esteja presente numa determinada época.

O professor não graduado na área de arte, pode utilizar os recursos artísticos no cotidiano da sala de aula. Mas tendo em vista que as artes visuais, a dança, a música e o teatro são expressão e comunicação de um coletivo ou de um indivíduo situado no tempo e espaço, se o professor não tiver vivenciado essa experiência, será difícil proporcioná-la a seus alunos.

Precisamos pensar em uma educação que abrange tanto o racional como o emocional concomitantemente, sem deixar que um se sobressaia. Afinal,

· "Entendemos a arte como uma forma de conhecimento, que não se desvincula das outras produções humanas, mas que possui suas especificidades. Consideramos a arte como o mundo e que não substitui e nem pode ser substituída por nenhuma outra área do conhecimento. Pensamos, finalmente, que só uma compreensão profunda da natureza da atividade artística poderá auxiliar de modo efetivo a elaboração de propostas pedagógicas relevantes." (STRAZZACAPPA e SCHROEDER 2005, p.82)

É possível ensinar arte? Após o presente estudo concluo que definir a palavra arte é difícil, pois ela apresenta infinitas formas de movimentos, expressões,

diferentes formas de apresentação. Porém, a arte pela arte dando voz ao sujeito como forma de expressão, produção cultural e coletiva deve sim ser explorada nas escolas em todos os espaços e disciplina por todos aqueles que ali a constituem; e não deixar apenas sob a responsabilidade das aulas de Educação Artística.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Célia M. C. **Concepções práticas artísticas na escola**. In: FERREIRA, Sueli (org.) *O ensino das artes: construindo caminhos*. Campinas-SP: Papirus, 2001, 4ª ed. (Coleção Ágere).
- BARBOSA, Ana Mãe Tavares (org). **Arte-educação: leitura no subsolo**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras**. *Estud. av.*, Dez 1989, vol.3, no.7, p.170-182.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**/ Secretaria de Educação Fundamental, - Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CHAUÍ, Marilena. **Introdução a história da filosofia**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2002, 2.ed.
- DECICO, Cristina. **O encanto do encontro: o jogo de faz-de-conta nas relações de ensino**. 2006. 90 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Campinas, 2006.
- DECICO, C. **TCC UNICAMP** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por crisdecico@sigmanet.com.br em 27 set. 2009.
- DUARTE, Júnior, João Francisco. 1953. **Por que arte-educação?**. Campinas, SP: Papirus, 1994, 7. ed. (Coleção Ágere).
- \_\_\_\_\_. **Fundamentos estéticos da educação**. Campinas, SP: Papirus, 1988, 2.ed.
- FERREIRA, Sueli. **Arte e escola: interação de espaços plurais**. *Pro-Posições* – Vol. 10 N°3 [30] novembro de 1999.

GONÇALVES, R. R. **Morungaba - dança/arte do movimento**. [mensagem pessoal].

Mensagem pessoal recebida por rosina@escolalecrim.com.br em 14 dez 2009.

GRIMM, Jacob e Wilhelm (Tradução: Heloisa Jahn). **Contos de Grimm**. São Paulo-SP: Companhia das Letrinhas. 1996.

LEITE, Vanessa. **Corpo impregnado pela arte: implicações no campo da educação**. In: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), 2009, Caxambu. Disponível em:

file:///C:/Users/Camilo/Documents/Anped/arquivos/trabalhos/GT24-5493--Int.pdf

MORUNGABA, Núcleo. Disponível em:

[http://www.morungaba.org.br/nucleo/apresentacao\\_nucleo.asp](http://www.morungaba.org.br/nucleo/apresentacao_nucleo.asp) Acesso em: 10

Dezembro 2009.

PINHEIRO, Livia Rodrigues. **Essa história de contar histórias: a contribuição desta arte na formação do pedagogo**. Campinas, SP, 2004. TCC, Faculdade de Educação, UNICAMP

QUEIROZ, Maria Isaura P. **Relatos orais: do indizível ao dizível**. In *Textos CERU*, S.P.: Humanitas, Serie 2, no. 10, p. 35-78, 2008.

STRAZZACAPPA, M. SCHROEDER, S. N. SCHROEDER, J. **A construção do conhecimento em Arte**. In: BITTENCOURT, A B. Estudo, pensamento e criação. Campinas-SP: Graf. FE, 2005.

STRAZZACAPPA, Márcia. **Dançando na chuva... e no chão de cimento**. In: FERREIRA, Sueli (org.) O ensino das artes: construindo caminhos. Campinas-SP: Papyrus, 2001, 4ª ed. (Coleção Ágere).

STRAZZACAPPA, Márcia. VIANNA, Tiche. **Teatro na educação: reinventando mundos** In: FERREIRA, Sueli (org.) O ensino das artes: construindo caminhos. Campinas-SP: Papyrus, 2001, 4ª ed. (Coleção Ágere).

STRAZZACAPPA, Márcia. **A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola.**

*Cad. CEDES*, Abr 2001, vol.21, no.53, p.69-83.

VIGOTSKI, Lev S. **Imaginação e criação na infância.** São Paulo-SP: Ática, 2009.

## BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

ALBANO, Ana Angélica. **Arte como base epistemológica para uma pedagogia da infância.** In: *Constituindo a pedagogia da infância no Município de São Paulo/ Caderno Temático de Formação II*, São Paulo, Secretaria Municipal de Educação, 2004, Código Memória Técnica do Ensino Municipal-Prefeitura/SME/DOT, p.29-34.

\_\_\_\_\_. **O Espaço do Desenho: A educação do Educador.** São Paulo: Loyola, 9.ed., 2002.

BARRETO, Débora. **Dança: ensino, sentidos e possibilidades na escola.** Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

CAMARGO, Luís (org). **Arte-Educação: da pré-escola à universidade.** São Paulo: Nobel, 1989.

CLARKSON, Austin. **Rumo a um currículo que privilegie a imaginação criativa.** In: *Proposições/ Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação*, Campinas, SP, v.15, (43) jan/abr2004, p.97-119.

DUARTE, João Francisco Jr. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível.** Curitiba, PR: Criar Edições, 2006. 4ed.

FERRAZ, M. H. T. e SIQUEIRA, P. I. **Arte-Educação: vivência, experimentação ou livro didático?** São Paulo, Edições Loyola, 1987.

FERRAZ, M. Heloísa C. De T, FUSARI, M. F. de R. **Metodologia do Ensino de Arte.** São Paulo: Cortez, 1993.

\_\_\_\_\_. **Arte na educação escolar.** São Paulo: Cortez, 1992.

GEERTZ, Clifford. **A arte como um sistema cultural.** In: *O saber local*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997, p. 142-181.

HOLM, Ana Maria. **Fazer e Pensar Arte**, São Paulo, MAM, 2005.

LEITE, Maria Izabel e OSTETTO, Luciana. **Museu, Educação e Cultura**. Campinas, SP: Papirus, 2005.

MARTINS, Mirian. C, PICOSQUE, Gisa, GUERRA, M. Terezinha. **Didática do Ensino de Arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1988.

OSTETTO, Luciana. **Educadores na roda da dança: formação – transformação**. Faculdade de Educação: UNICAMP. Tese de doutorado, 2005.

PACHECO, Elza Dias (org). **Comunicação educação e arte na cultura infanto-juvenil**. São Paulo: Loyola, 1991.

PENNA, Maura. **O papel da arte na educação básica**. In: PEREGRINO, Yara Rosas (coord.). *Da camiseta ao museu: o ensino das artes na democratização da cultura*. João Pessoa- PB: Editora Universitária/UFPB, 1995, p. 17-22.

PORCHER, Louis. **Educação artística: luxo ou necessidade**. São Paulo, Summus, 1982.

## **ANEXO I**

### **Entrevista n1**

Campinas, 29 de julho de 2009, quarta-feira, 9h40.

P- Vou conversar com a Cristina Decico que é uma pedagoga formada em Pedagogia pela Unicamp e vai me contar sobre sua dissertação de mestrado e a sua vida, onde a arte se encontra na sua vida. Eu queria que você me falasse sobre a sua trajetória, me contasse, um pouquinho. Você estava falando que se formou pela Unicamp em 1990.

C- Isso. Então, eu entrei em 90 na Unicamp e naquela época, assim, não tinha essas disciplinas como hoje tem, como a disciplina da Márcia, né. Educação e Arte.

P- Educação Corpo e Arte.

C- Corpo e Arte. Então, era muito restrito as disciplinas, era História da Educação, Psicologia da Educação, Sociologia da Educação, aí eu sentia falta de algo mais ligado à arte, a educação infantil.

P- É não mudou muito não.

C- Não.

P- Infelizmente.

C- É... quando entrei na pedagogia eu quis fazer educação pré-escolar que era o nome da habilitação. Porque eu achava que era a única área que dava para brincar com criança, era o lugar que podia ter mais as brincadeiras, o faz de conta. A administração escolar, a supervisão e o magistério de primeiro grau estavam distantes de mim, eu dizia não vou fazer essas disciplinas de jeito nenhum. E toda a minha formação, assim, a habilitação que eu fiz foi educação pré-escolar.

P- Era dividido então?

C- Era, eram quatro habilitações: educação pré-escolar, administração/supervisão, orientação pedagógica e deficiência mental.

P- Nossa!

C- Eram cinco habilitações e você tinha que escolher uma das cinco e seguir essa habilitação. Então a que eu escolhi foi a educação pré-escolar. E aí eu vi que dentro dessas disciplinas não tinha nada que falasse de brincadeira, de faz de conta. Falava da psicologia, a gente estudou muito Piaget, Vigotski, e a parte da arte, da brincadeira, do fazer no dia-a-dia, não tinha. Aí a gente tinha que fazer também algumas disciplinas fora da grade, eu fui buscar aonde? Na educação física e na arte. Aí eu fiz aquela EP, não sei se ainda tem isso, que você pode escolher qualquer disciplina fora da faculdade.

P- É, a gente tem fazer, são obrigatórios dez créditos fora da...

C- Você pode fazer dentro da Educação ou fora.

P- Ou fora.

C- Eu fiz tudo fora (risos). Eu fiz na Educação Física, Vivências Corporais, com o Adilson na época, que foi ótimo. Fiz na dança, uma disciplina também que era com o corpo, então fui buscando fora da faculdade de Educação essas disciplinas que eu acho que acrescentaram de alguma forma. Mas tinha isso, assim, eu sinto falta. Bom, me formei, diploma na mão, tudo bem

P- E agora?

C- E agora, e agora? Eu tava terminando o último ano foi em 90?? Eu me formei em 93, tava terminando a faculdade, aí uma amiga minha ofereceu um trabalho dentro de uma empresa para alfabetização de adultos.

P- Nossa!

C- (risos), imagina.

P- O oposto!

C- Eu tava com toda a minha formação na educação infantil, aí é aquela coisa a gente se forma e já quer ter um emprego, uma coisa garantida, aí eu peguei assim e disse: eu vou ver o que que é isso. E fui ver, fiz as entrevistas, passei, fui aprovada. E agora você vai dar aula numa classe multiseriada, com adultos de... que variava de 17 a 63 anos.

P- Nossa!

C- Minha primeira experiência como professora, (risos) E a minha bagagem na educação infantil. Uma turma de 15 alunos, então uns já sabiam ler e escrever já estavam no nível de quarta quinta série, e alguns não sabiam nem pegar no lápis, e aí??? (risos) Foi uma batalha, tive que... aí voltei para Unicamp, aí comecei a fazer a habilitação magistério do segundo grau, porque eu não fiz magistério, fiz colegial comum, colegial normal, então não fiz magistério. Não tinha aquela prática de sala de aula, como fazer? E na época, quem me ajudou muito foi a Roseli Cação, não sei se você conhece ela.

P- Conheço mas eu não tive aula com ela.

C- Aí eu fiz uma disciplina com ela. Porque fizeram um programa assim, quem já tinha terminado a habilitação, você poderia começar outra e eliminava algumas, então era só fazer o estágio. Fiz estágio com a Roseli. A Roseli me deu um suporte muito grande, deu muitas dicas do que fazer, até preparar uma aula, como preparar uma aula, isso você não aprende, né. E eu ia na casa dela, a noite, então era extracurricular, ela me dava essas dicas de como estar preparando. E foi muito bom, foi uma experiência de um ano (risos) com essa turma, foi muito legal porque no final do ano aqueles que não sabiam escrever já estavam escrevendo, já estavam lendo, foi muito emocionante.

P- Você ficou um ano só?

C- Um ano que era projeto da empresa.

P- A tá, não era contínuo.

C- Não. Era o projeto da empresa e foi assim uma experiência super legal. Bom terminou, aí lançou aquele, não sei se ainda existe trainee pra recursos humanos.

P- Tem.

C- Aí a Bosch abriu concurso também para trainee e eu vi que tava terminando já o prazo. Aí tentei e passei, mas eu fiquei quatro meses só na Bosch, não gostei nem um pouco de trabalhar no escritório, trabalhei no RH

P- Eu não penso em seguir essa área também não. Eu gosto de sala de aula!

C- É então, aí eu fiquei quatro meses, não gostei, sai de lá e fiquei um mês parada, assim, formada com o certificado da Unicamp, tudo assim, parada. Aí o que eu fiz, comecei a distribuir currículo em todas as escolas de Campinas, todas, assim, era março, que escola que ia contratar professor em março? Mas eu pensei assim: vou arriscar. E fui, todas as escolas de nomes, escolas menos conhecidas. Aí o Ave Maria tava precisando de uma auxiliar de coordenação e me chamou e perguntou: você topa? Eu topo! (risos) Tudo bem! Né, ihhh... o que eu fazia lá como auxiliar de coordenação: atendia ao telefone, arrumava os arquivos mortos, arrumava armário, atendia alguma criança que tinha se machucado e ligava para a mãe, quer dizer, uma função que qualquer um

P- Poderia fazer.

C- Que assim, não precisaria ter uma formação acadêmica para fazer. Mas não interessava, o importante é que eu estava lá dentro, então. Aí elas viram que eu sempre perguntava, quando faltava algum professor eu me oferecia para substituir,

quando tinha alguma reunião eu queria participar. Então eu sempre mostrei interesse em estar em sala de aula, só que eu sempre quis educação infantil, né! Então quando faltava alguma professora de educação infantil tava a Cris lá. Ai depois quando chegou mais ou menos, um pouquinho mais para o final do ano, me colocaram na biblioteca para estar orientando as crianças nos estudos de biblioteca. Ai eu ficava bem próxima das crianças que iam lá fazer pesquisa, ajudava a buscar os livros para elas pesquisarem né, então elas viram a minha relação com as crianças, estavam observando durante o ano inteiro. Quando tinha algum estudo do meio que tinha que acompanhá-los no ônibus, quem que ia junto? A Cris, então eu comecei a participar mais da parte...

P- Era o que você gostava, né!?

C- Era o que eu gostava. Só sei que aí durante esse ano eu substitui professor desde a educação infantil até o magistério até o segundo grau, às vezes faltava professor de química.

P- Nossa.

C- Do terceiro ano, aí o que que eu ia fazer lá? Pegava o livro, chamava o pessoal e olha faz da página tal até a página tal, porque imagina não ia poder dar aula de química, porque não tinha formação nenhuma. Mas só a minha presença de estar lá e eles ficarem quietos, por que adolescente, risos, então assim, passei por uma experiência bacana, desde a educação infantil até a adolescência. E quando chegou no final do ano, uma professora pediu demissão, só que era uma professora da terceira série, e eu falei: Ai não, eu quero ir para a educação infantil, terceira série não. Eu não fiz magistério justamente por isso, porque eu não acredito que possa trabalhar com as coisas que eu acredito, que eu queria, que era brincadeira, faz de conta né. Eu achava que ficava limitada, eu não me via dentro de uma sala de aula, dando aula de conteúdos todos. Magina dar aula de Português, Matemática, História, eu achava que não tinha condições. Meu negócio era a educação infantil, sentar no chão, ir ao parque, brincar com a molecada. Bom, mas era a oportunidade que eu tinha nas mãos, era pegar ou largar, ou continuar como auxiliar. Ai eu falei: quer saber, eu topo! E peguei a terceira série e sem aquela formação assim, peguei a terceira série e assim, primeiro ano foi muito difícil, porque eu preparava a aula, chegava na sala às vezes não dava tempo de dar tudo o que eu queria dar ou então o retorno das crianças não era aquilo que eu esperava, eu chorava, era aquela coisa assim, "eu não sirvo para isso", "não vou", "eu não quero ser mais professora". Era uma sala muito agitada e tinha muita cobrança da coordenação, porque a sala era bagunceira e que eu não fazia nada, era mole, (risos). Só que não falavam o que eu tinha que fazer.

P- Que não tava bom.

C- Que não era para eu fazer, ta bom? não tá? O que que eu faço? Me orienta! Não, esse tipo de orientação eu não tive. Então tive que buscar sozinha. Por onde eu vou começar isso né. Então até tem um texto do Vigotski não sei se você já leu: Imaginação e Arte na infância.

P- Já.

C- É maravilhoso esse texto, ele fala que toda atividade criadora reside em um conflito num estado de desespero e

P- E era esse o estado

C- eu acredito piamente mesmo, porque eu estava assim, num estado tão, me sentindo a pior professora, com a pior sala e aquela cobrança, o que fazer? O que fazer? Ai teve um dia que eu peguei e falei assim: acho que eu vou ter que por uma

melancia na cabeça. E aí as crianças olham pra mim, e aí vamos ver o que acontece.

P- Qual é a reação.

C- Qual é a reação. E foi aí que eu tive a idéia de tá me caracterizando diante as crianças.

P- A escola tinha o projeto de ter o livro, essa leitura que vocês tinham a cada mês, a cada dois meses, era proposto pela escola? Vocês tinham essas aulas de leitura?

C- Tinha que dar aula de leitura, tinha um livro para didático.

P- E você podia escolher esse livro ou já era

C- Nesse ano já era imposto. Os outros anos nós tivemos a liberdade de escolher. Então era um livro que já era dado e a gente tinha que ler para as crianças, além de não ter afinidade com aquela leitura

P- Não é uma coisa que você preparou e pode desenvolver alguma coisa que você já pensou.

C- É exatamente, já era uma coisa imposta. Mas foi muito positivo o resultado, foi muito legal e aí foi todo esse caminho.

P- E foi crescendo. Deu para perceber lendo, a evolução do personagem e como as crianças esperavam por aquilo.

C- Exatamente.

P- Isso que foi para mim o mais mágico de tudo, como elas esperavam!

C- Como elas esperavam.

P- Mas eu ficava vendo isso mesmo, o quanto elas se envolveram né, e do mesmo jeito que elas sabiam que era a mesma pessoa, elas separavam de tal forma que nem eu achava que isso era possível.

C- Eu fiquei realmente assustada, a semana passada eu fiz uma limpeza nas minhas papeladas e até guardei uns bilhetes das crianças que elas faziam para os personagens, para a bruxinha Nicolau e de uma forma muito diferenciada, entre a personagem e a professora

P- Para a professora querendo ou não você quer fazer alguma coisa mais certo, se você vai escrever você vai se preocupar com muitas outras coisas que para o personagem você é muito mais livre.

C- Exatamente. Falava coisa que a professora não falava eles falavam coisas para a personagem que não falavam para a professora. Isso eu achava muito intrigante.

P- Dá para desenvolver outra dissertação só nisso.

C- Exatamente. É o que foi falado, continua com o doutorado nesse caminho. Mas com o tempo eu fui aperfeiçoando os personagens, porque no começo eu colocava só um chapéu, um adereço. E aí com o passar dos anos, as crianças passavam. Porque eu sempre dei aula com a porta aberta, então as crianças da segunda série já esperavam chegar na terceira série e ter aquela professora que colocava, só que vinham mais exigentes, por que

P- Não tinha mais graça, precisava de alguma coisa para continuar...

C- É aquela coisa você acha que dá certo para uma turma pode não dar certo para outra, não é uma receita.

P- É!

C- Isso aconteceu comigo mesma, eu coloquei, a primeira experiência foi com a fada que tinha idéias, eu coloquei o chapéu de fada e foi um sucesso. Chegou no ano seguinte eu tava com uma nova turma, coloquei o chapéu de fadas e eles ficaram assim: Áhh! Só isso?

P- O que que é isso?

C- Não, tem que colocar mais coisas.

P- Não enxergaram a fada só pelo chapéu.

C- É é, no caso nem foi a fada, foi a Emília, é foi a Emília.

P- Ah, que sugeriram o vestido.

C- Vestido menina, eu colocava, às vezes tava aquele calorão de rachar, eu com a minha roupa e o vestido por cima, porque não dava tempo de sair da sala e se trocar tinha que ser tudo... e eu me trocava no corredor (risos). Eu saía da sala, encostava, colocava tudo por cima que nem uma doida.

P- Se não, deixar a classe lá muito tempo.

C- Nossa, aí piorava a situação. E essa turma exigiu que eu colocasse os adereços, assim, o mais completo. E isso que foi legal, porque cada turma reage de uma forma. Mas assim, a relação das crianças com os personagens, isso não teve diferença, todas as turmas que eu passei durante uns quatro ou cinco anos que eu fiz isso, eles lidavam com os personagens de uma forma muito real.

P- Legal!

C- Falavam assim de uma forma assim: "Bruxinha você não sabe o que a professora Cris fez", e contava tudo o que eu tinha feito.

P- Como se você

C- Como se não fosse eu, "Meu Deus o que que é isso?!" (risos) "Aí eu fiquei muito chateada com a professora Cris, é mesmo?; o que ela fez para você? Ela fez isso isso; aí eu me tocava que realmente errei. Então assim, para a reflexão da prática, da minha própria prática, então foi legal para eu perceber a minha prática, porque a gente erra.

P- Lógico.

C- Você vai ver, vai entrar em uma sala de aula, e a gente erra muito, a gente não pode achar que é dona da verdade, que você vai acertar, que tudo vai dar certo. Não, a gente tem muitas falhas, muitos erros, e com eles a gente vai acertando depois, vai acertando as arestas, vai tentando aprimorar melhor o trabalho. Mas foi assim, a trajetória mesmo foi essa.

P- E você tinha me falado que você procurou já na formação algumas disciplinas fora da Educação, que não te completou

C- Isso.

P- E por que você foi buscar a arte? O que antes na sua vida a arte apareceu? Como ela entrou na sua vida para você ter essa necessidade de buscar isso na sua prática?

C- Eu acho que tem haver com a minha infância. Aí uma coisa que eu não falei também, na época que eu fazia a faculdade, além de fazer essas disciplinas fora, o que que eu busquei também que foi uma oportunidade que apareceu. Outro dia subindo as escadas tem aqueles cartazes "Monitores para Colônia de férias", não sei se ainda tem isso, acho que essas colônias estão acabando. Tinha que ter experiência em educação física ou pedagogia, aí eu pensei: vou me inscrever e ver o que é isso. E o que que é, é trabalhar na colônia durante as férias. Isso eu fiz durante quatro anos, quatro anos eu trabalhei nas colônias, e você trabalhava durante as férias, quinze dias ou dez dias, com as crianças. E aí eu fui selecionada para uma colônia que era em Campos do Jordão, então a gente ficava quinze dias, clausura, a gente não tinha contato com ninguém, não tinha telefone, nada. O único contato que a gente tinha com o familiar era por carta, eles resgatavam muito essa coisa da carta, não podia telefonar, não podia ter contato com ninguém de fora. E a gente ficava vinte e quatro horas com as crianças, dormia com elas no mesmo quarto, acordava, dava banho, brincava o dia inteiro e a noite tinha que contar história. E a experiência nessa colônia acho que contribuiu muito com a minha

formação, porque lá eles davam muito valor a arte, a gente tinha q fazer, chegava a noite preparar algum show para as crianças, porque imagina, não tinha rádio, televisão, e tinha que ficar o dia inteiro entretidas, né. Então de manhã já tomava café-da-manhã e ia brincar, era um lugar muito lindo, que nem hotel fazenda, aí brincava, brincadeira livre, depois almoçava, depois do almoço tinha a hora do descanso, que voltava para o quarto e era um momento da gente pegar um livro, ler uma história. E eu nunca tinha lido história para criança, a primeira vez que eu li história para criança foi nessa colônia e tinha algumas regras que a gente, era obrigado ler história toda noite para as crianças e a primeira eu vez eu falei: "E agora?" (risos). Mas como você aprende? Você aprende fazendo, tem certas coisas que

P- Com a resposta das próprias crianças

C- Exatamente. Tem coisas que ninguém vai te ensinar, você vai aprender na prática, vai aprender fazendo. Ler história para uma criança, como você vai ensinar a ler história, a entonação, mudança de voz. E isso eu aprendi nessa colônia, e as crianças que falavam pra mim, eu lia corrido, pegava o livro e lia lia, e aí as crianças: "não tia, faz a voz do lobo" ou então: "não tia, agora você faz a voz da vovozinha", elas me ensinaram a como ler para elas.

P- Legal!

C- Então, essa colônia foi assim, uma grande escola para mim, um paralelo com a faculdade, entendeu. E foi uma experiência muito rica, tanto que o meu vínculo com as crianças foi tão grande que as outras temporadas eles sempre me chamavam para trabalhar, porque as crianças: "não, a gente quer ficar com a tia Cris"

P- Pediam.

C- Eles querem ir com a tia Cris, então era sempre a mesma turminha, e foi uma pena que fechou a colônia, mas foi uma grande escola, extracurricular, assim, eu entrei pela Unicamp, que eles colocaram lá os cartazes, eles queriam selecionar alunos da Unicamp, de pedagogia e educação física, foi um caminho, mas foi uma grande escola sim. E também de caracterizar, chegava a noite, como eu falei, as crianças não iam direto pra cama, tinha que ter alguma atividade. Então toda noite a gente tinha algum programa diferente para fazer, como não tinha televisão e brincar eles já estavam esgotados, porque eram atividades de correr o dia inteiro, imagina, hotel fazenda. Então, a noite a gente fazia show de talentos com as próprias crianças, ou então nós os monitores, chegava a noite depois que elas dormiam, ficava um monitor na casa e todos os monitores iam na sala de reunião e ficava até uma hora da manhã planejando as atividades do dia seguinte. E a gente as vezes montava algumas peças, algum show

P- Alguma encenação.

C- Encenações. E eu adorava me caracterizar (risos) achava bárbaro, então chegava a noite tinha esses shows, a gente fazia algumas [ ], então eu acho

P- E era alguma coisa que você já tinha feito também de uma certa forma, se caracterizar ou ler com uma voz diferente para depois retomar isso na sala de aula.

C- Isso, exatamente! Eu acredito que a experiência que eu tive na colônia de férias ajudou muito, muito.

P- As vezes mais que muita aula.

C- Muita aula lá dentro, na faculdade (risos) Se você tiver essa oportunidade vá porque é muito, não sei se ainda tem essas colônias que ficam o dia inteiro, que as crianças dormem.

P- Acho que até tem, mas menos, mas eu acho que ainda tem.

C- Olha, foi assim uma coisa muito bacana, e eram crianças que ficavam muito distantes dos pais, que eram crianças judias, eram só crianças judias, e a maioria de São Paulo, todas de São Paulo. Então era um lugar muito restrito, não podia ninguém chegar perto, porque eram crianças muito bem posicionadas na sociedade. Filhos de governadores, tinha crianças, assim, da alta sociedade de São Paulo, então era um cuidado com elas, para sair para a rua, e eram crianças carentes apesar de serem

P- Não tinham falta do outro lado.

C- De famílias abastardas, eram crianças carentes, que muitas eram criadas por babás, pouco viam os pais, chegavam nas férias os pais mandavam para essa colônia. Então, elas eram super carentes e se apegavam muito a nós, mandavam cartinhas, até pouco tempo eu tinha sacos e sacos de cartinhas que elas mandavam

P-Nossa!

C- Então acho que isso ajudou muito, e a minha infância também, na minha infância eu gostava muito de brincar de faz de contas, de casinha, eu adorava brincar de boneca. Sempre brincava eu, minha irmã e uma amiga nossa, Kely, era vizinha. A gente as vezes fazia show (risos) cobrava ingresso da vizinhança (risos) fazia show do Chacrinha, então cada uma se caracterizava de um personagem, fazia teatro, depois vendia os ingressos para a turminha da rua (risos) colocava as cadeirinhas assim no quintal, montava um palco e a gente fazia teatro e cobrava ingresso ainda, olha a... a gente era danadinha. Então na minha infância a gente brincava muito com isso, assim,

P- Foi presente

C- De representar.

P- Mas na escola em si...

C- Na escola não, na escola de primeira a quarta série, quinta oitava, não!!!

P- Nada, né!?

C- Olha pra não falar. Quando eu tava na sexta série tinha uma professora de educação artística que ela foi mais para essa parte de teatro, nossa aí, eu lembro que a gente montou peça, apresentou no final do ano, aí eu adorei, eu me realizava também. Mas foi tudo fora da escola.

P- Por que eu penso muito isso, as vezes, a escola é o único lugar que dá a oportunidade pra aquela criança,

C - É!

P- se não é na escola que ela tem, as vezes ela não vai ter em lugar nenhum. Então as vezes ela pode gostar muito de teatro ou muito de dança ou muito de alguma coisa que ela pode nunca vir a desenvolver, nunca a fazer uma peça, ou nada porque nunca teve essa oportunidade. E as vezes depois você cresce e começa a ter vergonha e muito coisa que você não faria mais.

C- Exatamente. Porque se você for ver, na escola eu nunca fui estimulada a me caracterizar, a interpretar um personagem, tanto que assim, eu nunca me vi interpretando a Nona Carmela ou a Toda-Toda, a Bruxinha Nicolau, mas quem assiste fala que eu me transformo, aí perguntam assim: aí, você fez curso? Não fiz, eu não fiz!

P- É uma coisa sua né, é uma coisa que você acredita e fica tudo mais fácil.

C- Eu encaro como uma brincadeira e quando a gente tá numa brincadeira, a brincadeira do faz-de-conta tem regras também, e qual é a regra, você acreditar naquilo, que aquilo que tá acontecendo é verdade. Então quando eu me caracterizo do Nona Carmela, aquele momento eu sou a Nona Carmela e eu me sinto a Nona Carmela.

P- Em nenhum momento você precisou voltar a ser a professora Cris para chamar a atenção ou fazer alguma coisa ou o personagem dava conta disso na sala?

C- Como assim?

P- Se tivesse alguma indisciplina acontecesse alguma coisa enquanto este personagem tivesse dentro da sala.

C- Aí o personagem chama a atenção.

P- Não precisa voltar para a professora Cris? Ele conseguia dar conta de voltar

C- Dá conta, só que assim, o personagem chama a atenção de uma outra forma, de uma forma mais descontraída, mais engraçada, coisa que a Cris não fazia. A Cris dava bronca: Nãoooo. Ou então as vezes quando o personagem chamava a atenção de uma forma parecida com a da Cris, as crianças davam um toque: Ai, você tá parecendo a professora Cris. Aí eu: Opa! Aí eu voltava.

P- Entendi.

C-Tinha momentos sim que conflitava.

P- É porque as vezes para elas, elas estão enxergando duas pessoas, mas pra você retoma uma coisa de Cris mesmo.

C- Ah, por exemplo a minha própria pesquisa, porque a minha dissertação foi em cima da minha própria prática e eu tinha que anotar tudo que estava acontecendo e eu não gravava

P- Não filmava, nada.

C- Não, não filmei, não gravei, e aí o que eu fazia, deixava um diário de classe, um diário de campo em cima da minha mesa. E era a primeira coisa, eu chegava na sala, ajeitava tudo e deixava o diário lá com a caneta. Então qualquer coisa que as crianças falassem eu já (tu) já anotava, quando eu tava fora do personagem, por exemplo, ficava escrevendo na lousa e ficava escutado: "Ai hoje vem a Nona Carmela, aí que legal, podia ser agora, né. É,, vai ter essa aula chata com a professora" Sabe assim, aí eu terminava de escrever e anotava fulano falou: "Nona Carmela podia chegar agora, na na na" e eles observavam eu escrever. E acontecia as vezes de eu tá de personagem e o personagem escrevia na lousa também, só que eu mudava a letra (risos) o personagem tinha outra letra, eu tinha esse cuidado também, mas as vezes eu esquecia: "Ai, você tá com a letra da professora Cris" eu falava: "aii, é mesmo eu quero imitá-la, eu sou fã da professora Cris, eu quero fazer a letra igual a dela (risos) eles: "Ahh, tá bom", aí eu mudava a letra. Aí por exemplo em uma situação como esse eu parava de escrever e aia escrever no caderno.

P- Para não perder.

C- Para não perder, assim, "eu estava escrevendo na lousa, identificado que a letra era a mesma da Cris aí na Nona Carmela falou que estava querendo imitar a professora". No que eu to escrevendo nesse caderno, as crianças falam: "Nona Carmela, você está escrevendo no caderno da professora Cris, não pode, não é seu o caderno" Entendeu?

P- Entendi!

C- Eles cobravam o tempo todo.

P- O tempo todo.

C- Como que a Nona Carmela tá escrevendo no caderno da professora Cris?! E eu tinha que anotar. Aí eu dizia: "Não não eu to deixando um recadinho aqui para ela, é dela o caderno? Ai, então eu vou deixar um recadinho aqui para ela". Então o tempo todo esse jogo

P- Eles entram no jogo também e tem essa cobrança de que tem que ser real, né.

C- Tem que ser real. A brincadeira você não pode, é regra. Você tem que seguir, vai sair agora?

P- Nossa!

C- Então era trabalhoso.

P- Imagino.

C- Mas pra mim era prazeroso.

P- E os resultados que tudo isso trouxe.

C- Nossa, assim, de criança que tinha vergonha, que não lia. Muito positivo. Muito gostoso, e o que eu acho legal é que agora, assim, eu comecei com isso lá com essa brincadeira, depois outras professora acataram também essa experiência, tentaram fazer na sala deu certo, com algumas professoras não deu certo. Por que dá para umas?

P- Não é uma receita!

C- Não é uma receita e tem que tá dentro, tem que gostar, tem que querer, se você não se sente bem caracterizando como que você vai passar aquela energia para as crianças, aquela realidade? Você não vai passar!

P- É verdade!

C- Tem uma passagem na minha dissertação que teve uma coordenadora que obrigou...

P- Todo mundo.

C- Foi a pior coisa. Imagina, tem professora lá que é super formal.

P- Não tem como você falar para a pessoa que ela tem que fazer isso agora.

C- Aí ela se sentia ridícula, aí se sentindo ridícula ela... era obrigatório e ela ficava contra mim. "A essa louca tinha que ser da UNICAMP". Porque tem esse preconceito. E para algumas professora deu certo! Tinha uma amiga minha que ela se dava super bem, era ótima, ela com o personagem, excelente. E ela brincava também. Então, o que eu achei legal, que eu tenho contato com algumas professoras de lá, ainda hoje algumas professoras continuaram com esse trabalho.

P- Ah é!?

C- Eu vi sábado agora, eu fui ao cinema e antes do filme tem as propagandas e tinha uma do colégio Ave Maria. "Nossa que legal a propaganda", aí apareceu um flash de uma professora caracterizada lendo para as crianças. "Nossa, olha que legal!" Algumas professoras deram continuidade.

P- Legal! Se identificaram.

C- Se identificaram e eu acho que isso é uma coisa muito particular, não é uma coisa para ser imposta, não é uma nova metodologia

P- Quando ela é imposta ela perde metade da sua função, do seu prazer, quando você é obrigado a fazer uma coisa que não gosta.

C- Exatamente. Eu fiquei feliz de ter pessoas que se identificaram e eu espero que esteja legal o trabalho, que não seja aquela coisa imposta, só colocar o chapéu e ler a história fica sem emoção, porque os meus personagens não iam só na aula de leitura eles iam em outros momentos, na aula de geografia de história, tinha vezes que eles queriam que o personagem ficasse o dia inteiro, mas cansa tem que mudar a voz, você fica com aquele monte de roupa em cima, é um dia cansativo, tem seu preço.

P- Mas é prazeroso.

C- Só de olhar o olhinho das crianças. Você perguntou onde eu busquei isso de interpretar, acho que foi na colônia, essas experiências que eu vivi fora, na minha própria infância, nas brincadeiras que eu fazia.

P- E isso fez na Unicamp você querer buscar mais coisas sobre arte além da faculdade?

C- Sim.

P- E não tinha Educação Corpo e Arte?

C- Não.

P- Nenhuma matéria de arte?

C- Não, nada de arte, nada.

P- Você fez uma matéria no IA também ou foi só na Educação Física?

C- Não, era "Vivências Corporais", eram expressões corporais, então tinham rodas de movimento, de expressão da face. Então, mexia com isso, não diretamente de interpretação, mas mexia muito com a gente, com o interior. Agora eu não me lembro se foi na dança ou no IA, acho que foi na dança, a gente fez uma disciplina que tinha que interpretar também, tinha que dar uns gritos, rolar no chão. Eu não lembro do nome agora, mas era uma disciplina que tinha muito daquelas coisas assim, colocaram umas músicas, a gente tinha que fechar o olho e andar na sala, que nem um laboratório de você se autoconhecer.

P- Eu acho que a Educação Corpo e Arte trouxe um pouco disso tudo para complementar a nossa formação. Uns gostam muito outros acham a maior perda de tempo do mundo.

C- Então, eu acho que tem haver com a experiência de vida de cada um e com aquilo que cada um acredita. Tem gente que acha a maior perda de tempo, tem gente que achava que eu era ridícula fazendo aquilo, comentários assim "Ah, tá querendo aparecer", "Ah, é louca da Unicamp, bixo grilo da Unicamp, ninguém é normal da Unicamp" ou então "Ah, tá inventando moda para nos prejudicar" "Tá querendo puxar o tapete, tá querendo aparecer". Então tinha esses comentários.

P- E o que você queria era criar uma fantasia daquilo que você acreditava na sala de aula.

C- A minha preocupação era com as crianças, eu não tava nem aí para o que as outras professoras falavam. Qual era a minha preocupação, chegar lá e atender as crianças, os pais estavam contentes? Por que é assim se os pais estão contentes a diretora fica contente.

P- E a diretora não vai pedir para você parar de fazer isso.

C- Exatamente! Porque imagina, a minha sala teve uma época que a minha sala ficou em frente a sala da Madre Superiora, um colégio de freiras e eu colocando fantasia de bruxa (risos), olha a ousadia. Mas o que que elas perceberam? Que as crianças gostavam! As crianças estando satisfeitas os pais ficam seguros de deixar o filho lá, vão manter a criança matriculada lá não vão tirar a criança da escola e essa é a maior preocupação também. Eu tinha que conquistar as crianças, conquistar os pais, conquistar a direção, a coordenação toda. No começo elas achavam meio estranho, mas quando elas perceberam que as crianças vinham, gostavam. Eu cheguei a me trocar na sala da Madre Superiora, porque eu saía da sala às vezes eu tava no corredor e tinha visita eu entrava dentro da sala dela, coisas que poucas pessoas entravam. E ela tinha essa intimidade, quantas vezes ela entrava na sala e interagia com a personagem "Ah, você tá aqui, cadê a professora Cris?", entrava na brincadeira. As faxineiras às vezes passavam e falavam "Oi Nona Carmela, e a professora Cris?". Todo mundo começou a entrar na brincadeira, os funcionários.

P- O que deixa a brincadeira muito mais verdadeira.

C- Mais real. Às vezes entrava a auxiliar de coordenação para entregar um bilhete que tinha que ser dado aquele dia, às vezes era minha última aula, então quem ia dar? Era a Nona Carmela, por exemplo. Então ela chegava assim: "Oi Nona Carmela, você pode dar esses bilhetes para as crianças? Porque a professora Cris já saiu e tal"; "Ah tá, eu dou". Eu comecei a conquistar

P- A confiança de todo mundo, que não deixa de você mostrar os resultados. As pessoas confiam no que você ta fazendo.

C- Exatamente. E eles colaboravam. Foi muito legal! Foi gradativo, uma conquista passo a passo, não foi logo de cara não. No começo minha sala ficava no último andar, ficava quietinha lá em cima, poucas pessoas subiam, uma vez a diretora entrou lá e “Nossa, o que que é isso, você ta de chapéu?” eu disse “Não eu sou a Fada Clara Luz, a professora Cris não está”. Ela ficou olhando assim... Aí depois eu fui me explicar para ela “Me desculpa aquela hora, mas...” “Não não, legal”. Então, foi um espaço que eu conquistei lá, gradativo e que foi muito muito bom. Tanto que quando eu sai de lá o pessoal chorou, né. Não queria perder tudo. Eu também senti muito, mas às vezes na vida a gente tem que fazer escolhas e eu já tava lá a nove, dez anos. Aí eu prestei o concurso para vice-diretora da prefeitura, e hoje eu to na prefeitura, nada haver com o que eu fazia.

P- E hoje você consegue utilizar a arte no seu trabalho de alguma forma? Você consegue resgatar aquilo que você acredita?

C- Não, ainda não consegui. Faz cindo anos que eu estou na prefeitura e me frustra um pouco isso. Assim, eu dou algumas formações, algumas escolas me convidam e eu dou formação, dou palestra. E aí para mim é uma realização, eu adoro quando me chamam para palestra, porque aí eu resgato os personagens. Mas no dia a dia é muito difícil, porque você ta em uma direção de uma escola consome muito tempo a questão burocrática, não dá, não da tempo. Embora eu esteja na vice-direção eu fiquei quatro anos na direção sozinha, a escola é grande com 400 alunos, 60 funcionários, então é tanto problema que você resolve

P- Que não tem como você parar e falar com os professores, dar dicas.

C- Até dá dica, mas assim..

P- Não como você gostaria de dar.

C- É... eu sinto falta, mas ainda não consegui, espero que eu ainda consiga, porque é pouco tempo também para estar implantando isso. Acho que agora o ano que vem, acho que a escola vai estar com a equipe completa, já tem uma diretora, porque a minha função é vice e eu gosto de ser vice, não quero ser diretora. E agora chegou uma diretora na escola, eu acredito que talvez sobre mais tempo para eu participar mais de perto do dia a dia da sala de aula, das crianças. E eu nunca trabalhei com educação infantil (risos).

P- Eu ia te perguntar isso agora.

C- Eu to trabalhando em uma escola de educação infantil, uma creche, tem crianças de zero a seis anos, só que eu nunca dei aula para a educação infantil. To agora na direção, entro nas salas, as vezes quando eu estou estressada com a papelada eu entro na sala, sento com eles um pouquinho, canto um pouco, vai no parque, mas não é aquela coisa, né. A trajetória, as vezes a gente pensa “vou ser professora de educação infantil”, mas aí a vida te mostra outros caminhos, acho que foi a melhor coisa que aconteceu.

P- Você me falou que não teve a disciplina de Educação Corpo e Arte, mas a Márcia me falou que você já foi convidada para falar um pouco nessa disciplina, da sua experiência. E foi essa experiência que você teve, nessa sala de aula, nessas caracterizações. E como foi a recepção dos alunos de pedagogia de escutar isso? Por que eu li a sua dissertação, é diferente, porque eu li e disse “nossa! Criei coragem para te ligar e falar quero muito conversar com ela” Mas você acha que nessas conversar com esses alunos, da para acender alguma coisa, para buscar na arte alguma artimanha para a sala de aula?

C- Olha, foi uns três ou quatro encontros que eu fui na disciplina. A primeira vez eu fui muito preocupada, porque eu nunca tinha falado com um grupo, o pessoal da faculdade. E o retorno foi muito positivo, eu acho que algumas pessoas, que nem você falou, algumas pessoas acham que é bobeira a disciplina, outras gostam. Eu acho que eu consegui plantar sementinhas em algumas pessoas, porque depois retornaram, mandaram e-mail "Olha, eu tentei a experiência na minha sala e foi muito legal, deu certo, me identifiquei". E as vezes chegava no final, encerrava a aula, vários alunos vinham me procurar para conversar, queriam saber mais, queriam saber dicas e falar "Ah, eu já faço isso e realmente é assim" ou "Ah, vou tentar na minha sala para ver como é que é e depois te passo um e-mail". E aí depois fez e deu certo. Então acho que foi super produtivo, acho que foi legal. E até mesmo quando eu me caracterizei de personagem, porque o personagem vai, para mostrar. Porque uma coisa é você falar do personagem, outra coisa é você ver o personagem. Mas você não vai ver dessa vez (risos). Assim, na hora que a personagem entra, a reação delas é a mesma das crianças, é impressionante. Gente, não muda! Porque aquele momento é de brincadeira e as pessoas entraram na brincadeira. Com todas as turmas que eu fiz essa palestra, o resultado foi muito positivo, entraram na brincadeira. Tem hora que ela chama para dançar, para cantar, todo mundo participou. Claro, uns mais empolgados, outros menos, mas não teve quem saísse da sala ou não retornasse, e depois no final eu dou uma dinâmica, cada um tem que interpretar alguma coisa, só que eu não faço "tem que interpretar", cada um faz como se sente a vontade, se quiser pegar um fantoche, se quiser se caracterizar. Então uns se caracterizam todo outros não, se escondem atrás de um pano, pegam um fantoche só com a mãozinha.

P- Cada um do seu jeito consegue participar

C- Mas eu acho que sim, que o pessoal dá um retorno positivo e eu acredito que é uma luzinha, para algumas pessoas é uma luzinha no final do túnel.

P- O que eu mais penso é isso, porque as vezes você conseguiu colocar na sala de aula um pouco do teatro, a maioria não vai se tornar um artista, mas eles vão apreciar isso, eles vão apreciar essa arte, eles vão saber escolher um gênero, vão gostar disso e talvez procurem isso e façam essa rotatividade para os artistas, deem continuidade a isso. E é importante também você ter um público de arte, não só o artista e não ter o outro lado. Então eu penso muito nisso, a minha intenção não é formar todos os meus alunos em músicos, atores, pintores, mas sim que eles apreciem que eles prestigiem os museus, as peças, o cinema e tudo isso. Eu sinto muita falta, quando eu fiz o estágio o ano passado, esse semestre a gente tem que fazer na educação infantil inclusive, e eu fico pensando, porque fica só no desenho, não to falando mal do desenho ou querendo levar ele no sentido pejorativo mas não é só ele. E as vezes a maneira como ele é feito, ou muito livre ou muito fechado de você ter que pintar aquilo ou fazer aquilo ou ilustrar, tem criança que não gosta e a arte vai ser só isso na vida dela???

C- Frustra né? E se você for ver, qual a formação dessa professora? Que formação ela teve?

P- A gente já não tem.

C- Não tem, vou dar um exemplo que eu vivo isso no dia a dia: uma semana antes de eu entrar de férias, chegou uma professora de turmas de três quatro anos, ela colocou em cima da minha mesa umas quatro folhinhas para xerocar "Favor tirar 35 cópias de cada folha", era uma palavrinha cruzada de animais, o outro era tipo um quebra cabeça, o outro era de completar. Aí eu fiquei assim, nossa a gente nunca tirou cópia e como agora entrou a nova diretora, ela tá tirando cópias de algumas

atividades para as crianças e como ela tava de recesso e eu nunca tirei cópia enquanto eu estava na direção, eu não tirava cópia de atividades, acho que cada uma tem que elaborar a sua atividade sem ter que dar folhinha pronta. Não tinha sentido aquela atividade, tinha que gastar o dinheiro da verba e como eu ia falar com essa professora para ela não se magoar, porque eu não vou, não concordo com isso. Uma pessoa super bacaninha, ela tem vontade, mas você vê que ela não tem bagagem, porque a maioria dos professores que entraram esse ano são professores novos, do concurso. E na minha escola são todos jovens, seria legal você fazer estágio lá, é que é longe, são jovens com pouca experiência ou quase nenhuma. Então tem aquela cede de fazer, de aprender mas não sabem o caminho. Aí eu falei "Olha eu não tirei cópia porque eu não sei se tem a verba" "Não, mas a diretora tá tirando", só que o problema não era só esse, era o tipo de atividade. Eu falei "Olha eu não vou tirar agora porque eu nem sei quanto de dinheiro que tem ainda no caixa, mas o que que você tá trabalhando?" "Tô trabalhando animais, como é que eu vou trabalhar animais com eles agora?" Ela ficou frustrada, parece que aquela folhinha era a última e única opção de trabalhar animais. Eu falei "Sabe o que você faz, vai lá na sala do almoxarifado, tem um monte de revista, espalha as revistas na sala, deixa as crianças folhearem, rasgarem, fala para eles buscarem animais, pesquisar animal na revista, aí quando tiver uma folha inteira de um animal, cola em uma cartolina, num papel cartão, atrás quadricula e faz um quebra cabeça, se cada criança achar uma figura você vai ter trinta quebra-cabeças. Ela falou "A, é mesmo"; "Então, eles mesmos vão produzir o próprio jogo". Porque as vezes você pega uma revista, tipo Terra da Gente, sei lá, tem um animal inteiro, tira, cola, quadricula atrás, eles mesmos vão dar valor, foram eles que fizeram. Vamos recortar os animais que vivem na água, recortar os animais que vivem na terra, eles vão estar no meio de letras, palavras. Não é muito mais interessante do que dar uma folhinha?

P- Muito!

C- Vai fazer sujeira na sala? Faz sujeira, espalha revista na sala inteira, depois a gente recicla o papel, da onde que veio esse papel, olha esse papel que a gente não vai usar vamos reciclar. Começa abrir uma linha para trabalhar um monte de assunto, não é?

P- Eu sinto falta disso nas escolas! Porque a minha experiência de estágio era um primeiro ano, então eles estavam sendo alfabetizados e eles usavam cartilha, folhinha, era só folhinha colava no caderno e tal. Mas não assim menosprezando o que a cartilha faz, mas era só isso. E eu precisava fazer alguma coisa, e eu comecei a levar livro para as crianças, toda semana que eu ia eu levava um livro e preparava alguma atividade para fazer depois da leitura. Então tinha dia que eu lia o livro e mostra as ilustrações, tinha dia que eu não mostrava. Cada dia eu inventava alguma coisa, mas eu sentia isso, uma boa vontade um querer fazer alguma coisa, as vezes não saber como e não ter ninguém para dar aquela força. Porque eu via que a professora também queria fazer alguma coisa, mas ela não tinha essa bagagem, essa iniciativa, para ela as folhinhas estava bom. Mas pra mim aquilo me matava por dentro.

C- Te incomoda.

P- Mas eu não podia chegar e também revirar a aula dela, então aos poucos eu consegui conquistar esse espaço e as crianças. E elas começaram a esperar esse livro, e tinha todo aquele trabalho de que livro eu ia levar na semana seguinte. Nisso dava para trabalhar mais um monte de outras coisas, eles estavam sendo alfabetizados e eles não liam.

C- É trabalhoso. É muito mais fácil você preparar uma aula com cartilha, você pega a cartilha e folheia da página tal até a página tal, pega uma folhinha mimeografa, xeroca, é cômodo, não dá trabalho. Não tem que pesquisar, tá pronto, se bobear ela dá todo ano a mesma folha, aquela folhinha já tá até amarelinha.

P- Classifica as crianças de silábico, pré-silábico.

C- Agora, fazer uma coisa diferente é trabalhoso, tem que pesquisar, leva tempo. Depois que eu saí da sala de aula é que eu tenho final de semana, porque trabalho de professor é constante, é sábado e domingo, eu levava coisa para casa para recortar. Essa minha última turma que eu parei no meio do ano, eu tava chegando num ponto que se eu continuasse a dar aula, não só eu ia ser as personagens, as crianças também, eu cheguei nesse ponto com essa última turma. Eu tava lendo com eles um livro que tinha um bobo da corte, tinha rei, rainha. Aí a personagem chamou a criança de bobo, aí eu falei "Não, é o bobo da corte", aí eu comprei o chapéu de bobo da corte para dar para o menino, toda aula o menino usava esse chapéu e aí as crianças queriam usar o chapéu também. Aí eu brinquei com eles: "Ah, onde tem bobo da corte tem rei", fiz uma coroa de rei e aí todos queriam uma coroa de rei e as meninas queriam cora de rainha. Eu confeccionei um por um. Quando chegava na aula de leitura, estava lá eu de personagem e todas as crianças com coroa, e aí se achavam o máximo, queriam ir toda hora beber água e ir ao banheiro para desfilar a coroa. Aí eu penso assim, se eu tivesse continuado em sala de aula, hoje acho que não eu só estaria caracterizada, mas as crianças também, acho que o caminho ia ser esse. Já pensou chegava na aula "Crianças vamos nos caracterizar", todas elas com capinha, ah ia ser ótimo! Ia ser muito legal.

P- Também tem a questão de como você solucionou a questão da boneca que uma criança levou em um dia que não era dia de brinquedo.

C- Mas assim, foi um impulso, eu peguei aquela boneca e ahhh, eu ia pegar e colocar ela no fundo, porque tem horas que dá vontade de dar bronca de fazer coisa que não pode fazer, você tem que se segurar muito, ainda mais com a criançada de hoje em dia, que as vezes não tem limite, vou falar: não é a mil maravilha não, tem horas que você perde as estribeiras. E quando eu peguei aquela boneca, meu impulso era pegar aquela boneca e colocar lá no fundo e esquecer "Agora não é hora de brinquedo", sabe!? Passa isso, vai falar que não, você passa nervoso, você vai ver quando você pegar a sua sala, você vai lembrar do que eu to falando, tem horas que você perde as estribeiras. Quando eu peguei aquela boneca, ela era linda, enorme, "quem que é essa boneca? Vamos colocar ela aqui" E foi a melhor coisa, foi um insight.

P- Todo mundo se envolveu, você criou outros alunos também. Porque o que deve ter vindo de boneca. Até eu se fosse sua aluna minha boneca iria aparecer no dia seguinte.

C- E é um problema, porque não era dia de brinquedo, aí tinham as outras salas que viam e não podiam levar brinquedo. Aí eu tive que falar com a diretora. É como eu falei, é trabalhoso. Seria cômodo eu pegar aquela boneca e colocar no armário e dizer eu te devolvo na saída. Não é mais fácil?

P- Regra é regra e ponto final.

C- Não é dia de brinquedo, ponho no armário e na hora da saída eu pego e te devolvo. Mas gente e todo aquele encanto, aquela magia, aquela coisa gostosa em sala de aula que você tem que ter o prazer, porque se as crianças estão felizes, você dá aula de uma forma muito mais gostosa e a melhor coisa que tem é você trabalhar com prazer.

P- Você passa isso e até o número de falta diminuíram, não foi?

C- É eles não queriam faltar. Um dia no último capítulo do livro a mãe veio falar comigo "Ah, mas eu tenho viagem marcada, não deixa para hoje", aí eu mudei, eu li só um pouco e aí eu deixei para outra semana para a menina não perder, ela não queria perder o último dia de aula da personagem. E com as bonecas também, eu tive que falar com a diretora, ainda bem que ela cedeu, as bonecas iam uniformizadas então não tinha problema.

P- Elas colocaram uniforme nas bonecas?

C- Elas iam uniformizadas e elas já sabiam o discurso, se alguém de outra sala perguntasse o que que era aquela boneca, é que era um trabalho da sala de aula e eram alunos. Tem algumas fotos.

C- E acreditar que é possível fazer coisas diferentes, que é trabalhoso.

P- E a gente não tem formação em arte, você buscou algumas matérias fora, eu também.

## **ANEXO II**

### **Entrevista n2**

Eu vou entrevistar a Livia Pinheiro, hoje é dia 28 de setembro de 2009, seis e quinze da tarde, segunda-feira na Unicamp, sala LL02.

L- Eu sou Livia formada em Pedagogia pela Unicamp em 2004, hoje eu sou professora efetiva do Estado de primeira à quarta série, mas estou com uma designação para trabalhar com coordenadora do ciclo I na diretoria de ensino. Trabalho agora com formação de professores.

P- Você não está na sala de aula?

L- Não to mais, eu sai em maio da sala de aula, mas estou desde 2005 trabalhando com primeira a quarta série. Sou contadora de história desde 2001, sou contadora de história mas não oficial, fiz parte de um grupo chamado Manauê contadores de história. Fiz uma oficina aqui na faculdade de educação, era uma oficina que não era extensão, mas era um projeto que o grupo mandava, a coordenação aprovava e os alunos tinham direito de fazer gratuitamente, e eu cursei essa oficina e fui convidada para fazer parte do grupo em 2001 e parei em 2008 por excesso de trabalho, filho e tudo isso. Mas continuo contando história e pesquisando, entrei no mestrado em 2008 e eu pesquiso “a arte de contar histórias e a formação do professor”

P- Então você também foca na formação de professor, nós pedagogos ou na formação do professor contador de histórias?

L- Não sei se existe... existe! Eu sou uma professora contadora, então a pesquisa no meu olhar é esse professor de primeira a quarta que não tem uma formação artística, mas que utiliza que recursos artísticos dentro da educação formal. Então essa era minha preocupação, porque eu me via transformada pela arte dentro da sala de aula, no dia a dia com as crianças, na relação com o conteúdo, com a leitura com a escrita. E eu queria investigar se outros professores que também vivenciassem esse contato se mudariam a prática deles, se veriam alguma coisa transformada na relação com a criança, com a leitura. Enfim, porque no Estado é obrigatório à leitura em voz alta feita pelo professor então recebemos um acervo maravilhoso de literatura de qualidade e o professor tem de ler a história pra criança. De que forma essa história é contada? Eu fiz a pesquisa com os professores do Estado, como é esse momento? Como é o preparo com as histórias? E o que esse momento de leitura pode influenciar, tanto na relação com o aluno, na questão da criatividade, outras possibilidades.

P- E você viu alguma diferença, por exemplo, você também recebeu esse acervo e também era professora? Ou não você já estava como coordenadora?

L- Quando chegou o acervo, era para vir no começo do ano, então as quartas séries foram as últimas a receber tudo, porque é um programa, tem toda uma concepção, uma formação. Agora eu trabalhado formando dentro desse programa, mas quando chegou eu não tinha um acervo, minhas colegas tinham, só que eles nem se interessaram pelo acervo, eu fui tentar pegar “não, isso você não pode, isso não é seu”. Então aí eu ia para a biblioteca e as histórias que eu conhecia eu trabalhava com as crianças, mas infelizmente eu sai da sala de aula na hora errada.

P- É isso que eu ia te perguntar, se você pode ver a diferença da relação que você teve do seu jeito de contar história com as outras professoras. Porque é muito deferente o jeito que você apresenta um livro para uma criança pode ter vários resultados.

L- Isso, eu pude perceber de duas formas, o primeiro quando eu tava na sala, porque já era obrigado a ler todo dia para a criança um livro ou em capítulos, da

forma que você escolhesse. Então eu já vivenciava isso com os meus alunos, de fevereiro a maio que eu fiquei com eles, e via a forma que as colegas trabalhavam com o acervo, quem já tinha o acervo. Era aquela coisa “Ah, eu to surpresa, porque eu peguei um livro e eu to lendo junto com as crianças, e o livro fala palavrão, tem uma parte que eu não estou entendendo, eu não quero mais ler esse livro”.

P- Não tinha uma leitura prévia!

L- Não, ela nem sabia do que se tratava o livro. Eu estava lendo a bolsa amarela que era um livro que eu já tinha lido para outras turmas, que eu gosto e que eu apresentei para as crianças com essa relação afetiva que eu tenho com o livro, então já mudava. Eu deixei eles com o livro terminando e a grande dor deles além de eu sair era “é a bolsa amarela? Quem vai ler vai ler igual?”. Você percebe um pouco a diferença e as professoras falando “ah, eles não se interessam pelos livros, eu não consigo ler um livro em capítulos, um livro mais longo”. E o segundo olhar foi na oficina, como as professoras estavam trabalhando com esses livros do acervo, essa leitura em voz alta. Além do meu olhar dentro da situação era as professoras e o processo de transformação como ela entrou na oficina como ela contava e no final da oficina como as possibilidades que elas enxergavam que elas poderiam estar trabalhando com as crianças. E agora tem o terceiro olhar formar os formadores, não é nem os professores, é trabalhar com o coordenador, formador, para esse momento de leitura e de contar história.

Então eu acho que a arte é presente na minha formação como pedagoga materializada, veio com o grupo de contadores de história. A formação do Manauê era com o grupo Guaia, que tinha formação com o grupo Murumbubetá, que é do Celso Sisto que tem um caminho mais literário, então a gente contava contos literários, essa coisa do livro da técnica. Ai no decorrer do percurso quando eu fiz meu TCC, que eu fui apresentada para a Regina Machado pela minha orientadora. E ai a gente começou a fazer curso, ler o livro dela e o trabalho entrou dentro de um outro olhar, que é mais o da arte, então o trabalho que antecede a técnica. Então foram os contos populares a gente começou a estudar um pouco a mais sobre a arte, e não perdendo o vínculo literário, até hoje eu trabalho com os livros. Acho que aliar um pouco o livro ao conto popular, a entrada das narrativas na escola, esse texto narrativo qual é a consequência, a relação dele com a criança, então acho que virou um pouco arte depois que a gente passou de contação de histórias para a arte de contar histórias, a gente não consegue mais falar em contação, a gente fala em arte de contar histórias.

E na Educação, Corpo e Arte foi um momento de trazer para a pedagogia, eu tava na pedagogia contando história, mas eu não estava aqui. A gente fazia oficinas com os alunos, mas foi na educação, corpo e Arte que criou corpo, a gente não falou só de contar história, falamos de teatro de dança, lemos sobre a arte na escola. Então eu fui casando algumas coisas e coincidiu com o meu TCC, porque eu não ia falar de arte de contar história, eu ia falar de professor de educação artística dentro da escola, e foi o professor que perguntou “Mas por que você vai para outro lugar se você está falando do campo da arte. Fala sobre o trabalho que você desenvolve e o que isso contribuiu na sua formação” E foi aí a descoberta, foi o único momento que a gente teve para falar disso foi nessa disciplina, eu não tinha onde recorrer se não fosse a bibliografia dessa disciplina, o trabalho que a gente fez. Foi o único momento que a gente teve para discutir a arte dentro da escola, eu sentia falta.

Não escolhi a Márcia para ser minha orientadora, porque como eu deixei para última hora o meu TCC, não tinha mais ninguém disponível. Uma amiga minha já ia ser orientada pela Márcia, aí eu fui procurar a Lúcia Reily da FCM, mas era da arte

também e trabalha com educação especial. Foi ela que me orientou e a Márcia minha segunda leitora, e você leu lá no meu TCC que eu coloquei como um espaço muito pequeno a formação do professor e de mais valia dentro da sala de aula quando a gente vai para a escola.

P- Eu sinto isso, porque o semestre passado eu fiz a disciplina Educação, Corpo e Arte e eu tive muita sorte porque o pessoal do núcleo temático, um deles também fala de arte e uma das professoras é a Márcia. Então a gente tá usando pela segunda vez a ED03, já são dois momentos. E quando eu estava no segundo ano eu procurei uma disciplina como eletiva "Educação Através da Arte", e a Márcia era uma das professoras e foi quando eu conheci a Márcia. Acho que era uma disciplina obrigatória para o curso de dança, então só tinha eu da pedagogia, foi muito legal. Porque eu vi todos os outros olhares e eles também tinham o meu olhar, mas mesmo assim é muito pouco. De uma disciplina eu tive três.

L- Porque você optou, não era obrigatória. E quando teve aqui um núcleo temático obrigatório, porque era o único que tinha era de arte, a Márcia me convidou para fazer uma oficina e eu perguntei quem que queria o núcleo de artes, ninguém levantou a mão. Eu falei gente, o meu sonho na pedagogia ter um núcleo temático de artes e agora que você tem ninguém queria ter.

P- É o nosso não é só sobre isso mas...

L- Teve opção?

P- Teve. São três núcleos temáticos dois à tarde e um à noite.

L- Mas aquele ano, foi o ano passado, no primeiro semestre. Não tinha opção, porque as vezes acontece isso, ninguém oferece. Só tinha uma opção e era de arte e ninguém queria estar lá.

P- É o nosso pelo menos as pessoas que querem estão lá as outras foram procurar os outros.

L- E também é uma coisa de se pensar, às vezes não vê função por quê? Por que não estudou? Não teve contato? Ou não.

P- O que eu sinto nessa disciplina é o que acontece na sala de aula, porque muitas vezes aula de educação artística na escola é hora de relaxar, de brincar, ela não é séria como Português, Matemática, ela não é vista como séria nem pelos alunos nem pelos professores. E aqui parece que é a mesma coisa, em muitos momentos para os alunos também é a aula de relaxar, que não tem texto. E isso me mata, mas não tem o que eu possa fazer.

L- É verdade, e uma das coisas que ficou muito marcante para o grupo, que eu fiz a noite a Educação, Corpo e Arte, foi o processo, o que a gente conseguiu mobilizar. No final, no último dia que era a apresentação, tava todo mundo envolvido, não só os alunos, a gente envolveu parente, amigo. Todo o processo para montar a apresentação, enfim, acho que é uma das potencialidades da arte, essa coisa de mobilizar e isso eu pude ver na oficina que eu fiz da pesquisa. Começou de um jeito e no final o grupo se fortaleceu, por explorar o corpo, esse exercício do olhar, porque eu acho que a arte é o único campo que permite e que a escola muitas vezes não permite para a criança, e o professor que passa por essa experiência não é o mesmo professor e é isso que eu quis comprovar. Nem todos os professores foram até o final da oficina, que conscientemente são as mais antigas, com mais tempo de magistério, são professoras que não demonstraram um contato anterior com a leitura, tinha uma até que fez teatro, ela foi até um pouco perto do final, mas aí entrou questão de saúde, por causa de uma licença de saúde ela não pode ficar lá. As com mais tempo de magistério são as que mais ficam doentes, as que menos se preocupam com a formação.

Bom, na minha vida a arte, eu sou de Monte Mor e lá nunca teve curso de arte para fazer teatro essas coisas. Mas eu tenho uma mãe que toca violão e teve banda nos anos 60 lá em Monte Mor, então o primeiro contato foi com a música, eu aprendi sozinha a tocar (violão) e fazia teatro na igreja que era o único lugar, eu sempre estive envolvida e minha família também, minha mãe, minha avó com a palavra as histórias. Eu tive uma pessoa que cuidou de mim era mineira, então todos os contos populares, ela era o folclore em pessoa, o pai viu o saci pererê. Então foi uma infância povoada de histórias. A minha mãe é professora e trazia os contos literários, o único momento que ela sentava com a gente era quando preparava aula. Ela trazia aquelas caixinhas de papel laminado que era a biblioteca móvel das crianças, e eu lia todos os livros, então acho que foi esse o caminho.

P- Não foi nada na escola?

L- Na escola teve um momento muito importante, de quinta a oitava, em uma época do ano era para a gente apresentar teatro e a sala de aula era dividida em dois grupos, o grupo da Livia e o grupo da Roberta Helena. Era eu que comandava, escolhia qual ia ser a história, eu ensaiava em casa, eu ajudava a montar todo o teatro desde a quinta até a oitava. E a gente fazia tipo um campeonato para ver qual era o melhor teatro e eram apresentados para toda a escola. A gente sempre ganhou, então esse foi o primeiro envolvimento que eu tive e que fazia tudo por intuição. Eu nunca tinha visto uma peça de teatro na minha vida, fui ao cinema uma vez na infância quando o meu pai levou a gente ver "Os Trapalhões". Então, se falar "era o contato artístico que ela tinha com o meio artístico, nunca foi" a gente que criava, em casa a gente fazia circo: eu, minha irmãs, meu irmão, os primos, era um momento que a gente criava na rua.

P- Na escola, mesmo tendo sido uma referencia para você de quinta a oitava com o teatro, foi uma coisa que vocês fizeram e conseguiram um espaço na escola? Não foi a escola que orientou?

L- Isso, não tinha aulas de teatro. Era aula de Educação Artística, a gente via o ano inteiro: linha, semi-reta, ponto, essa era a aula de Educação Artística. No final do ano chegava esse negócio do teatro, só que ela nunca ensinou para gente o teatro, como a gente deveria fazer, o que compunha uma cena, então a gente criava, e eram nesses momentos, nos ensaios em casa, nos textos. Eu pegava aquelas histórias dos disquinhos de vinis, transcrevia, montava em forma de teatro, e eu sempre era a narradora, porque eu achava que ninguém lia direito, dava a entonação que eu gostava. Eu inovava, punha trilha sonora, coisa que nas outras turmas não tinha, mas a professora nunca ensinou, ela nunca orientou. Ela falava que tinha que criar, não tinha tema, era livre, fazia o que queria. E a gente organizou, comprou cortina, meu pai mandou fazer uma cortina enorme para o teatro da escola, ficou lá. Mobilizava minha família, minha mãe ajuda a ensaiar, mas da escola mesmo nunca teve, escola pública, eu estudei a vida inteira em escola pública. E no colegial menos ainda, eu fiz colégio técnico em administração de empresas. A única coisa boa que teve lá foi a professora que levou a gente para uma exposição do Monet, acho que foi a primeira exposição da minha vida, e eu não esqueço da Vitória Régia lá no jardim, foi a única. E no colegial foi quando eu entrei mais em contato com a música, eu comecei a compor, a fazer música, levava o violão na escola, aí eu entrei para uma banda em Monte Mor, comecei a cantar, cantei vários anos, aí comecei a contar histórias, saí da banda, contei histórias e é isso.

P- E você conta ainda história ou só nesse curso?

L- A gente tinha uma vida de espetáculos, de se apresentar nas escolas. E agora entra na próxima pergunta "de que maneira você utiliza a arte no seu trabalho? E as facilidades e dificuldades". Na escola, quando eu contava a história para turma do mesmo jeito que eu contava no espetáculo sem livro, só usando o corpo e a voz não tem outro recurso de objeto, cenário. Então, qualquer hora era hora de contar histórias para as crianças, era engraçado, eu peguei o depoimento de uma turma o ano passado, como eles se sentiam vendo a professora imitar um macaco? E saíram coisas riquíssimas do tipo "a professora é uma boa atriz, ela deveria investir nisso", "é legal quando ela imita um macaco, nem parece a professora", "o corpo dela", então eles fazem uma relação com o corpo, na hora que conta a história o corpo do professor, nesse ponto era bem legal. Eu nunca contava para a coordenação que eu contava história, elas descobriam, algumas escolas fingiam que nunca ficaram sabendo que eu era contadora, não queria que eu contasse para os outros alunos (nessa escola que é minha sede e eu tenho um certo problema de concepção), sempre soube, eu sempre ofereci até, falei uma vez "você quer que eu conte uma história nessa apresentação de dia dos pais?", nunca quis. Aí você em um outra, que eu trabalhei aqui dentro da Unicamp e me convidaram para contar para todas as crianças, montar um espetáculo e trabalhar com isso, então você já viu a diferença. Tem lugares que entra e tem lugares que não quer saber, você fica dentro da sua sala e trabalha ali com as crianças e já dá um grande resultado, as crianças querem contar igual. O livro do macaco e da velha acabou da biblioteca, todo mundo queria ler o livro, porque eles querem ficar lembrando aquilo que eles viveram. Mesmo com a bolsa amarela que eu lia com o livro na mão, que é um livro que eu gosto muito, então quando a gente lê, eu dava risada junto com a história, eu parava. Eles viam que eu gostava daquilo e eles acabaram com todos os livros da Lígia, porque a gente estudou o autor, eu tive criança que foi procurar outras coisas além da Bolsa Amarela, saía briga de quem ia levar o livro. A partir da forma que você contava a história eles criavam uma relação afetiva com o livro

E agora na diretoria de ensino, eu cheguei lá, ninguém sabia o que eu fazia, sabiam que eu estudava, fazia o mestrado ainda mas a coordenadora que o ano passado estava comigo disse "olha ela conta história, pede para ela contar", "é verdade que você conta história?". Mas não sabiam como era o trabalho, falar que conta não imaginam, né. "Ah, então um dia você conta pra gente?" "Conto" "Ah, então você vai contar com o livro" "Tudo bem, eu conto com o livro". Foi então que eu contei com o livro para os coordenadores, e eles já criam um outro clima, todo mundo bateu palma "Nossa, a leitura tem a música dentro, a gente pode cantar o trecho?" "Pode, pode cantar se você quiser" "Ah como ficou legal, então pode fazer vozes do personagem?" "Sim é legal, a criança gosta" "Ah, fiquei envolvida, a história sua me envolveu". Então eu to entrando assim e para as colegas verem essa possibilidade, pode também estar em um lugar desse de formação. E fui contando, "agora conta mais uma", e conta outra, "conta do jeito que você contava como cantadora no espetáculo", "Tudo bem, vou vir de preto arrumar toda bonita", "Pode vir". Quando eu cheguei na frente do público que eram professores, coordenadores, parei, respirei e eles ficaram parados "Ich o que que essa louca vai fazer agora?", e comecei a contar a história, fiquei focada em alguns olhares que eu sei que tem resistência, que é aquela minha antiga coordenadora que não queria que eu contasse história, ficava me olhando com uma cara assim meio sisuda e eu fui contando uma história cômica do macaco e da velha que eu falei que escolhi aquela porque era a que as crianças mais gostam. Algumas se esborrachavam de rir logo no começo, mas tinham umas que se mantinham firmes, e foi ali que eu peguei, fui enfiando a pessoa dentro da

história e fui enfiando, até ver chorar de dar risada no final. E criou um clima da entrada ao pós-história, "Então pode contar história assim na escola? É difícil? Eu queria aprender". Muitas vieram num cantinho "Eu queria aprender a contar assim, não do jeito que você conta, mas eu queria contar diferente", algumas vieram me falar na avaliação que a gente dá no final do curso, porque isso é dentro de um curso que a gente prepara para elas de formação, tava escrito assim: "Gostei do jeito que a Lívia conta história dá para fazer um monte de coisas diferentes dentro da escola". Então aos pouco eu vou colocando, a minha supervisora depois disso veio me falar "Aí, bem que a gente podia abrir um curso com certificado para professor, né?!". Mas ainda tem outra prioridade, "vamos trabalhar produção de texto" o que você faz ainda não tem vínculo, não enxergam o que isso pode ajudar ou não. Eu acho que essa dificuldade é eu ainda ficar, mas eu ainda estou encontrando as brechas, outras pessoas já querem que eu vá contar em outros cursos do ciclo II, aos pouquinhos as coisas vão. Estão contando para o pessoal de São Paulo da secretaria que tem uma contadora de histórias e aí vai. E conto história assim, encontro essas brechas, e é isso. Acho que agora o desafio maior é conquistar esse espaço e que as pessoas reconheçam, porque quando a gente está lá como professora, a gente fala assim "Aí, São Paulo não enxerga isso", tanto que uma professora colocou na oficina "Nossa, se São Paulo fica sabendo ia pagar esse curso para todas as professoras fazerem e mudarem a visão, que é possível". Então essa é a meta ainda, colocar para alguém e alguém perceber o quanto isso é importante, não só a arte para a criança, mas a arte na formação do professor. É esse o ponto da minha pesquisa que está faltando, é essa presença, esse corpo diferente, essa palavra diferente dentro da primeira a quarta.

P- Por que faz muita diferença.

L- Muita! Porque quando o professor passa por isso, a gente tem falado muito isso na formação lá em São Paulo que o professor tem que vivenciar isso antes de fazer, não adianta falar para ele fazer se ele não vivenciou, se ele não ouviu uma história desse jeito, se ele não passou por um processo de criação, de mudar o corpo, de viver um personagem. Eu penso assim, para você oferecer que a criança viva o olhar para aquilo que ela faz e conhecer, você precisa passar por isso, então eu pude olhar para algumas coisas das crianças, produções, ou propor trabalhos que eu vivi, porque se não não adianta, você fica em um discurso vazio, eu acho que essa é a missão agora. Agora que eu estou em um lugar que pensar educação, mais ou menos, pois a gente executa bastante coisa,

P- E a posição que você ocupa dentro da escola, porque às vezes você tem a formação, tem tudo, mas você barra na burocracia.

L- É, mas me perguntam entre os colegas que tem o mesmo cargo "Ah, você é formada em arte?", "Não, eu sou professora de primeira à quarta" "Nossa, mas o que tem a ver?" Às vezes eu também já me senti peixinho fora d'água em disciplinas da pós que todo mundo era artista, e aí todo mundo olhava para a escola com olhar de artista, não com olhar do professor de primeira a quarta que está lá e tem o professor de artes que trabalha com ele. Acho que tem isso ainda, eu queria que a pedagogia fosse diferente e eu queria contribuir para isso, até tenho umas propostas para fazer, de criar um grupo, não tem um grupo de contadores de histórias aqui na pedagogia. Vou falar para a Márcia que eu estou aqui me dispondo voluntariamente que queria estudar.

P- Você tinha que ter feito isso quando eu estava no primeiro ano, não agora que eu estou saindo (risos)

L- Pois é, quem já se formou. Levar para essas pessoas para dentro da escola, contar história lá, ver como é lá dentro, porque eu tive essa oportunidade rara, eu tava aqui e fui trabalhar na prefeitura de Campinas contando história, fui para a periferia fazer esse trabalho, ver quais eram as possibilidades da história entrar dentro da vida da criança e voltava para cá, pensava aqui. Eu fui uma felizarda é uma raridade na formação de um professor daqui, mas é extra, né! A USP tem lá a Regina que estuda, mas não sei se tem um grupo da pedagogia que conta história, mas tem alguém que estuda. Aqui a gente não tem ainda, acho que tem que fortalecer, acho que faz a diferença na escola, ainda mais quando a gente volta para a leitura, para a criança, para a relação professor-aluno, olhar para a criança e entender as manifestações dele, acho que é essencial, estou no caminho certo.

P- Livia, muito obrigada!

L- Magina.